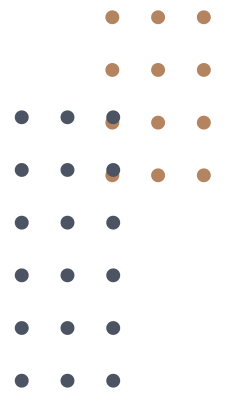


O PORTO ORGANIZADO DE SANTOS - CENÁRIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA



O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

APRESENTAÇÃO

1. OS CENÁRIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA
 - 1.1 O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO
 - 1.2 O CONTEXTO HISTÓRICO
2. BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

Este texto foi desenvolvido para contextualização do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural presente na área do “Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural (Estudos Diagnósticos e Avaliação Estratégica). Regularização Ambiental do Porto Organizado de Santos. Municípios de Santos, Guarujá e Bertioga /SP”.

O Programa foi realizado entre os anos de 2010 e 2011.

1. OS CENÁRIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA

Para a análise dos contextos de ocupação humana da região do empreendimento foram elaborados quadros que sintetizam o conhecimento arqueológico produzido até hoje, os quais destacam as principais características das sociedades que, em diversos momentos da história, interagiram naquele espaço.

Conforme apresentado adiante, os dados disponíveis estão relacionados a pesquisas desenvolvidas em determinadas porções da área abrangida pelo Empreendimento. Por isso mesmo o texto lança mão, em diferentes momentos, de dados disponíveis para uma região bem mais ampla, envolvendo a Baixada Santista como um todo. A partir deste conjunto de informações é possível elaborar um quadro regional de ocupações humanas onde a área do empreendimento se insere e, a partir dele, realizar uma análise científica do significado dos patrimônios efetivamente presentes dentro da área do Projeto em tela, a partir dos resultados obtidos com os trabalhos de campo.

Como parte das análises voltadas à sistematização dos dados documentais disponíveis foi realizado, inicialmente, um levantamento no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), disponibilizado pelo IPHAN/MinC em seu site www.iphan.gov.br. Já buscando realizar uma síntese regional, além do município de Santos, Guarujá e Bertioga, o levantamento se estendeu para os municípios de Cubatão e São Vicente.

Além da pesquisa no site do IPHAN, foram também considerados os dados obtidos pela bibliografia e o cadastro de sítios da empresa DOCUMENTO, resultando na listagem apresentada pela **Tabela 1**. Esta tabela traz sítios arqueológicos pesquisados na região, entre pré-coloniais e históricos. A grande maioria deles se localiza no município de Santos, havendo ainda sítios em Cubatão e no Guarujá.

Nenhum sítio em São Vicente foi ainda cadastrado no CNSA/IPHAN (conforme **Figura 1**). Uma documentação fotográfica de exemplares destes e sítios é apresentada na **Tabela 2**.

Certamente este número não corresponde ao total de sítios ali presentes, mas apenas ao estágio atual das pesquisas desenvolvidas, conforme texto que se segue

Tabela 1 – Inventário de sítios arqueológicos cadastrados, AID e All.

Nome do Sítio	Município	Tipo	Vestígios arqueológicos	Coordenadas
Casarão do Comendador Ferreira Neto	Santos	Histórico	Vestígios de edificação	
Engenho do São Jorge dos Erasmos	Santos	Histórico	Vestígios de edificação com ocorrência de material malacológico e cerâmico, etc.	23K 361523/7350949
Casa da Frontaria Azulejada	Santos	Histórico	Vestígio de edificação	23K 364521/7352543
Mosteiro de São Bento	Santos	Histórico	Sítio histórico, superficial, apresentando fragmentos de cerâmica diversa	
Porto do Valongo	Santos	Histórico	Vestígios de edificação	23K 364319 / 7352978
Casarão do Valongo	Santos	Histórico	Vestígios de edificação	23K 364366 / 7325707
Cemitério Igreja Irmandade dos Homens Pretos	Santos	Histórico		23K 364589 / 7352458
Igreja da Misericórdia	Santos	Histórico	Vestígios de edificação	23K 364786 / 7352512
Largo Senador Vergueiro	Santos	Histórico		23K 364555 / 7352766
Pavilhão dos Tuberculosos	Santos	Histórico		23K 364407 / 7352144
Quilombo do Jabaquara	Santos	Histórico		23K 363653 / 7351862
Ilha Diana	Santos	Sambaqui	Fragmentos de ossos humanos em meio a conchas moídas e raras ocorrências líticas	23K 366899 / 7354605
Ilhota do Chiquinho	Santos	Sambaqui		23K 367575 / 7354964
EMBRAPORT 1	Santos	Sambaqui	Ostras com lucinas ocasionais, poucos artefatos polidos e escassos vestígios ósseos	23K 366561 / 7354697
Sítio dos Ingleses	Santos	Sambaqui	O pacote arqueológico apresenta-se por ostras e berbigões	23K 367392 / 7354321
Morro Alto	Santos	Sambaqui	Sepultamentos humanos, indústria lítica lascada e polida	23K 373062 / 7353681
Monte Cabrão	Santos	Sambaqui	Conchas, artefatos polidos, ossos de pequenos mamíferos e humanos	23K 370816 / 7354158.
Sandi	Santos	Sambaqui	Artefatos líticos, poucos artefatos ósseos e fauna	23K 365993 / 7354044

Da Barca	Santos	Histórico	Fragmentos de cerâmica e fragmentos de ostras	23K 365929 / 7350993
CODESP	Santos	Pré-histórico/ histórico	Fragmentos de cerâmica e fragmentos de ostras	23K 365008 / 7352674
Engenho Itabatinga	Santos	Histórico	Estrutura de antigo engenho em taipa, coberto por telhas do tipo capa e canal sobre vigas originais de madeira lavrada.	23K 368714 / 7355800
Sandi 2	Santos	Sambaqui	Sedimentos de coloração negra e conchas univalves, algumas bivalves e, sobretudo, conchas decimétricas (ostras), a maioria fragmentada.	23K 365863 / 7355889
Sandi 3	Santos	Histórico	Estruturas de pedra próximas a uma gamboa	23K 365899 / 7355870
Neves	Santos	Histórico	Fragmentos de telha capa e canal, algumas pedras de granito de média dimensão e, também, um fragmento de cerâmica comum, neobrasileira.	23K 363091 / 7355965
Pedreiras	Santos	Sambaqui	Sedimentos de coloração negra, entremeado por grandes conchas univalves, algumas bivalves e, sobretudo, conchas decimétricas (ostras)	23K 361255 / 7356534
Santa Rita	Santos	Histórico	Complexo construtivo e arquitetônico	23K 363910 / 7356228
Ruínas da Ilha Barnabé	Santos	Histórico	Referências a estruturas construtivas (ruínas), de um provável engenho do século XVIII	
Cosipa 1	Cubatão	Sambaqui	Sepultamentos, material lítico, conchas, estruturas de combustão	
Cosipa 2	Cubatão	Sambaqui	Sepultamentos, material lítico, conchas, estruturas de combustão	
Cosipa 3	Cubatão	Sambaqui	Sepultamentos, material lítico, conchas, estruturas de combustão	
Cosipa 4	Cubatão	Sambaqui	Sepultamentos, material lítico, conchas, estruturas de combustão	
Cosipa 5	Cubatão	Sambaqui	Sepultamentos, material lítico, conchas, estruturas de combustão	
Armação de óleo de baleia de Bertioiga	Guarujá	Histórico	Edificação (alvenaria em pedra e tijolos), cuja função era industrializar o óleo de baleia. Tombado pelo IPHAN e CONDEPHAAT.	

Camarão	Guarujá	Histórico	Gruta com gravuras históricas	23K 366560 / 7342867
Fortaleza da Barra Grande	Guarujá	Histórico	Fortaleza colonial	23K 367107 / 7345808
Fortim da Praia do Góes	Guarujá	Histórico	Trincheira defensiva	23K 366465 / 7345365
Sangava	Guarujá	Histórico	Ruínas de Edificação	23K 365795 / 7345053
Bagres	Guarujá	Histórico	Cachimbo cerâmica, peso de rede, faiança	23K 362766 / 7354434
Conceiçãozinha	Guarujá	Histórico	Ruínas de antiga fazenda, estruturas em pedra	23K 369748 / 7347690
Forte de Itapema	Guarujá	Histórico	Fortificação colonial	23K 366776 / 7352129
Morrinho	Guarujá	Pré-Histórico/ Histórico	Sambaqui e ruínas de residência histórica	23K 374773 / 7355381
Pier Santa Cruz dos Navegantes	Guarujá	Pré-Histórico	Ruínas de antigo pier de pedra	23J 367378 / 7345140
Santo Amaro 1	Guarujá	Pré-Histórico	Sambaqui	23K 369142 / 7346704
Santo Amaro 2	Guarujá	Histórico	Estrutura de pedra seca	23K 369486 / 7346724
Necrópole da Marina do Rio Santo Amaro	Guarujá	Pré-Histórico	Ossadas humanas e machadinhas polidas	
Cemitério do Forte da Barra*	Guarujá	Histórico	Cemitério antigo	Indicado pela Comunidade
Canal de Bertioiga*	Guarujá	Pré-Histórico	Sambaqui	Indicado pela Comunidade
Cargil*	Guarujá	Pré-Histórico	Sambaqui	Indicado pela Comunidade
Estaleiro*	Guarujá	Pré-Histórico	Sambaqui.	Indicado pela Comunidade
Conceiçãozinha*	Guarujá	Pré-Histórico/ Histórico	Sambaqui e Fazenda Histórica.	Indicado pela Comunidade
Ceará*	Guarujá	Histórico	Estruturas construtivas	Indicado pela Comunidade
Itatinga I	Bertioiga	Histórico		23K 382136 / 7366069
Itatinga II	Bertioiga	Cerâmico		23 K382205 / 7365867
Porto do Robalo	Bertioiga	sambaqui,berbigueiro,com		23 K 383482 / 7364985
Porto de Bertioiga	Bertioiga	Histórico		23K 413444 / 7362121
Sítio Museu do Forte	Bertioiga	Histórico		23K 384400 / 7360500

Tabela 2 - Inventário de Bens Arqueológicos


Foto	Imóvel	Localização	Coordenada	Período	Segmento	Trecho	Descrição
	Sítio da Barca	Valongo Santos	23K 0365245 7352695	Pré-Histórico a Século XIX	18	5D	<p>Foi identificado no Projeto “Plano de Gestão de Patrimônio Cultural / Diagnóstico de Situação e Valoração Científica do Sistema Viário da Margem Direita do Porto de Santos” pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2008.</p> <p>Foi resgatado e estudado nesse mesmo ano. Trata-se de parte do aterro do primeiro Porto Organizado de Santos, realizado pelo Valongo e datado dos finais do século XIX. Foram identificados sedimentos e materiais de um sambaqui, fragmentos cerâmicos e materiais arqueológicos, bem como pedaços de estrutura do Forte de Nossa Senhora de Monte Serrat e de outros contextos Coloniais, todos eles remanejados e utilizados como material de aterro.</p>




Foto	Imóvel	Localização	Coordenada	Período	Segmento	Trecho	Descrição
	Sítio CODESP	CODESP Santos	23K 0366756 7350137	Século XVII a Século XIX	—	3D	Identificado no Projeto “Plano de Gestão de Patrimônio Cultural / Diagnóstico de Situação e Valoração Científica do Sistema Viário da Margem Direita do Porto de Santos”, em 2008. Foi resgatado e estudado nesse mesmo ano. Trata-se de uma grande área de descarte Colonial com materiais arqueológicos do século XVII ao século XIX.
	Sítio Sandi	EMBRAPORT Ilha Barnabé	23K 0365949 7353999	Pré-Histórico	—	9E	Foi identificado no Projeto “Embraport”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2003. Foi resgatado e estudado nesse mesmo ano. Trata-se de um sambaqui localizado na antiga margem esquerda do trecho final do rio Sandi.
	Casa de Pedra	Neves de Fora Largo de Santa Rita Santos	23K 0363752 7356034	Histórico	Identificado no Projeto “Complexo Portuário Barnabé Bagres”	Casa de Pedra	Neves de Fora Largo de Santa Rita Santos




Foto	Imóvel	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Complexo Arqueológico do "Fortim"	Neves de Fora Santos	23K 0363910 7356228	Histórico	Foi identificado no Projeto "Complexo Portuário Barnabé Bagres", pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2009. Trata-se de um complexo arqueológico que possui diversas estruturas e materiais Coloniais do século XVIII, pelo menos. Essas estruturas foram sendo reocupadas e seus materiais reutilizados em outras estruturas locais, aparentemente. Existe também um Engenho de Cana dos finais do século XIX e inícios do século XX.
	Dos Ingleses	Canal de Bertioga, Santos	23K 036734822 7354276	Pré-Histórico	Foi identificado no Projeto "Embraport", pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2003. Trata-se de um sambaqui localizado na margem esquerda do Canal de Bertioga. No local existem também materiais do final do século XIX e inícios do XX, importados da Europa e possivelmente provenientes de uma ocupação inglesa que houve nas imediações.
	Embraport 1	Rio Diana Santos	23K 0366517 7354652	Pré-Histórico	Foi identificado no Projeto "Embraport", pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2003. Foi estudado nesse mesmo ano. Trata-se de um sambaqui localizado na margem direita do rio Diana.




Foto	Imóvel	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Engenho Itabatatinga	Fazenda Itabatatinga Rio Diana Santos	23K 0368670 7355755	Histórico	Foi identificado no Projeto “Emraport”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2003. Trata-se de um complexo arqueológico onde é visível as ruínas de um Engenho, uma Senzala, uma casa da primeira metade do século XX que incorpora parte daquelas estruturas, uma fonte e um abrigo com inscrições Históricas, um reservatório de água.
	Ilha Diana	Rio Diana Santos	23K 0366855 7354560	Pré-Histórico	Foi identificado no Projeto “Emraport”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2003. Foi resgatado e estudado nesse mesmo ano. Trata-se de um sambaqui localizado na margem esquerda do rio Diana, sob a ocupação caiçara de Ilha Diana.
	Ilhota do Chiquinho	Canal de Bertioga Santos	23K 0367531 7354919	Pré-Histórico	Foi identificado no Projeto “Emraport”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2003. Foi estudado nesse mesmo ano. Trata-se de um sambaqui localizado na margem esquerda do Canal de Bertioga, uma área interna próximo a uma gamboa.




Foto	Imóvel	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Monte Cabrão	Canal de Bertioga Santos	23K 0370772 7353931	Pré-Histórico	Foi identificado no Projeto “Embraport”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2003. Foi estudado nesse mesmo ano. Trata-se de um sambaqui localizado na margem direita do Canal de Bertioga.
	Morro Alto	Canal de Bertioga Santos	23K 0373018 7353636	Pré-Histórico	Foi identificado no Projeto “Embraport”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2003. Foi estudado nesse mesmo ano. Trata-se de um sambaqui localizado na margem direita do Canal de Bertioga.
	Neves 1	Neves de Fora Santos	23K 036 30 91 735 59 65	Histórico	Foi identificado no Projeto “Complexo Portuário Barnabé Bagres”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2009. Trata-se de um conjunto de aterros / terraplanagens onde existiram no Passado estruturas, na beira de uma antiga estrada. Foram identificados materiais construtivos. É possivelmente Colonial.




Foto	Imóvel	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Neves 2	Neves de Fora Santos	23K 036 30 73 735 59 62	Histórico	Foi identificado no Projeto “Complexo Portuário Barnabé Bagres”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2009. Trata-se de uma antiga estrada calçada, construída através do embrechamento de pedras irregulares. É possivelmente Colonial.
	Pedreiras	Rio das Pedreiras Santos	23K 036 12 55 735 65 34	Sambaqui	Foi identificado no Projeto “Complexo Portuário Barnabé Bagres”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2009. Trata-se de um sambaqui localizado na margem esquerda do rio das Pedreiras.
	Sandi 2	Rio Sandi Santos	23K 036 58 63 735 58 89	Sambaqui	Foi identificado no Projeto “Complexo Portuário Barnabé Bagres”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2009. Trata-se de um sambaqui localizado na margem esquerda do rio Sandi, junto ao Morro do Sandi.


Foto	Imóvel	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Sandi 3	Rio Sandi Santos	23K 036 58 99 735 58 70	Histórico	<p>Foi identificado no Projeto “Complexo Portuário Barnabé Bagres”, pela empresa Documento, Patrimônio Cultural em 2009.</p> <p>Trata-se de uma estrutura para represar águas de uma gamboa através da maré, possivelmente Colonial. A sua função é ainda indeterminada.</p> <p>Localizado numa gamboa subsidiária da margem esquerda do rio Sandi, junto ao Morro do Sandi.</p>



Figura 1 – Localização dos sítios arqueológicos.

1.1 O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A ocupação humana da Baixada Santista pode ser sintetizada em dois grandes cenários: um deles está relacionado aos primeiros grupos humanos que chegaram e se estabeleceram na área, há cerca de 6.000 anos atrás, compreendendo sociedades construtoras de estruturas denominadas de “sambaqui”. Estende-se até aproximadamente 1.000 anos atrás. O segundo cenário está relacionado a sociedades ceramistas, que alcançaram a área alguns séculos antes da chegada do colonizador português e que mantiveram contato com ele.

O texto que segue traz uma síntese do conhecimento atual para cada um destes cenários.

► Sociedades construtoras de sambaquis

Os vestígios arqueológicos pré-coloniais até o momento mais antigos conhecidos para a região da baixada Santista são formados por sítios do tipo sambaqui (Uchoa e Garcia 1986, Uchoa 1981/82, Uchoa *et alii* 1989, Lima 1999/2000). Alguns deles foram datados, indicando uma ocupação humana entre 4.400 e 1.180 anos atrás.

De fato, os sambaquis estão presentes ao longo de toda a faixa costeira que se estende desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul, apresentando uma cronologia ininterrupta de aproximadamente 6.000 anos, estendendo-se entre 7.000 e 1.000 anos atrás. Estes sítios se caracterizam por formarem grandes amontoados de conchas em lentes superpostas, constituindo uma plataforma topograficamente distinta do substrato geológico, que pode alcançar uma extensão de mais de 100 metros e altura de 30 metros.

Alguns deles são menos espessos e com menor quantidade de vestígios, tendo sido denominados de “acampamentos conchíferos”, provavelmente relacionados ao final do período de ocupação destes grupos no litoral (Barros Barreto 1988).

A presença, em vários sambaquis, de enterramentos humanos indica o uso do local enquanto cemitério. Os enterramentos ocorrem sempre por inumação direta, simples ou múltipla, muitas vezes acompanhados por algum mobiliário funerário. Todavia, a presença de vestígios relacionados a diversas atividades do cotidiano (como estruturas de cabanas, fogueiras, áreas de elaboração de artefatos, entre outros) indica que, em vários casos, os sambaquis teriam correspondido locais de múltiplas atividades.

As indústrias apresentam instrumentos líticos lascados tipologicamente pouco variados, constituídos basicamente por lascas utilizadas como facas, talhadeiras, machados, bigornas e pesos de rede.

Já a indústria lítica polida apresenta artefatos de grande requinte tecno-morfológico, incluindo verdadeiras esculturas zoomorfas e antropomorfas. É freqüente, ainda, a utilização de conchas, ossos e dentes de animais na confecção de instrumentos como pontas projéteis, agulhas, anzóis e furadores, bem como na confecção de adornos (colares e pingentes diversos) (Prous 1992, Schmitz 1984 a e b).

A recorrência destes elementos sugere um mesmo padrão cultural entre as populações que ocuparam os sambaquis. Mas esta questão permanece em aberto, uma vez que as variações regionais e cronológicas não foram tratadas de forma sistemática. Estudos recentes têm procurado avançar nesta discussão, tanto através da pesquisa intensiva de alguns sítios selecionados (estudos intra-sítio) como através da comparação de sambaquis localizados em uma mesma área (estudos inter-sítios) (Gaspar *et alii* 1999; Lima *et alii* 1999, entre outros).

Quanto ao padrão de subsistência apresentado pelos grupos sambaqueiros, estaria baseada na pesca (incluindo pesca de alto mar) e na coleta, complementada pela caça e, em menor escala, pela cata de mariscos. De fato, o grande volume de conchas de mariscos presente nos sambaquis não corresponderia a restos de comida que foram sendo acumulados ao longo dos anos, mas sim a “elementos construtivos” disponíveis no ambiente marinho, a partir dos quais foram sendo erguidos os sítios (Gaspar *et alii* 1999, Figuti 1999).

Embora os sambaquis ocorram em grande parte da faixa costeira do sul/sudeste brasileiro (havendo ainda algumas áreas de ocorrência no nordeste), sua distribuição não se dá de forma contínua. Ao contrário, aparecem concentrados em áreas geralmente menos expostas ao mar aberto, em baías com ambientes de mangue. Exemplos clássicos são o sul de São Paulo (Cananéia e Ilha Comprida), o norte do Paraná (baías de Paranaguá, Antonina e Laranjeiras) e a baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Em cada uma destas áreas são conhecidos mais de 100 sítios sambaqui (Uchoa 1978/79/80; Posse 1978; Figuti 1999). A baía de Santos apresenta, portanto, as condições ambientais características para abrigar uma ocupação sambaqueira mais intensiva.

Estes sítios são conhecidos (ou reconhecidos) desde as primeiras incursões dos europeus no litoral brasileiro, tendo sido explorados exaustivamente para extração de material construtivo, até bem recentemente.

Devido ao fato de se concentrarem em regiões lagunares e baías que foram, desde o início da colonização portuguesa, foco da implantação dos primeiros núcleos urbanos (Salvador, Vitória, Rio de Janeiro, São Vicente e Santos, Laguna, entre outros), foram explorados à exaustão, encontrando-se praticamente extintos em algumas destas áreas, inclusive na Baixada Santista, área focal deste estudo.

Sobre a região da Baixada Santista os estudos desenvolvidos não são tantos, mas são importantes. Foram estudados, em maior ou menor detalhe, apenas alguns sambaquis, descritos adiante, compreendendo um período de ocupação de cerca 3.500 anos. No entanto, é certo que existem (ou existiram) muitos outros sambaquis pela região.

Alguns foram reportados por estudos de geólogos quaternaristas (Martin *et al.* 1984, Suguio 1993), mas nunca chegaram a receber cadastro arqueológico ou serem relacionados aos sítios já conhecidos. Cabe lembrar que muitos sambaquis foram destruídos desde o início do período colonial, seja devido à utilização destes depósitos de conchas para fabricação de cal (que recobriu grande parte das ruas e calçamentos dos núcleos urbanos antigos), seja em função dos enormes aterramentos realizados na baía por conta das instalações portuárias e industriais a partir do final do século XIX, ou ainda mais recentemente, por conta da especulação imobiliária.

Os sambaquis estudados sistematicamente na Baixada Santista são poucos e, dos estudos anteriores aos anos 40, não há muito a se extrair. O destaque recai sobre os já citados Loefgren e Calixto, que fazem saber aos pesquisadores atuais o grande número de concheiros existentes na região. A primeira descrição mais cuidadosa provém do trabalho de Biocca, Hoge & Schreiber (1947), que realizaram escavações em dois sambaquis então ainda bem preservados, Maratuá e Mar Casado, sítios estes que seriam revisitados nas décadas seguintes, antes de seu completo desaparecimento.

Maratuá, sem dúvida, é um dos mais interessantes entre os sítios estudados na Baixada, implantado à margem esquerda de um pequeno córrego não longe do canal de Bertiooga, semi-mergulhado no mangue. Com cerca de quarenta metros de comprimento na porção central e uma altura entre 5 e 6 metros e morfologia nitidamente monticular, encontrava-se já bastante destruído por atividades de mineração quando começou a ser estudado, por volta de 1954, por Joseph Emperaire, vindo a convite da Comissão de Pré-História de São Paulo. Reportado preliminarmente no Encontro de Americanistas em São Paulo (Emperaire 1955), foi descrito de maneira bastante detalhada alguns anos depois e também, de maneira mais resumida, no célebre opúsculo de Paulo Duarte (1968:53-55), *O sambaqui visto através de alguns sambaquis*.

Segundo a excelente descrição que se encontra em Emperaire & Laming (1956), sua estrutura estratigráfica exibia cinco pacotes principais. A primeira, uma camada húmica de espessura variável, exibia uma mistura desorganizada de restos de ossos humanos, conchas e fauna, com alguma quantidade de objetos de metal (inclusive uma empunhadura de sabre em bronze) e cerâmicas diversas, inclusive louças; foi achada ainda uma moeda de 10 réis com a efígie de D. Pedro II, datada de 1863.

A segunda camada pouco se distingue da anterior, mas se torna mais espessa e homogênea, com sedimentos mais escuros, orgânicos, mais moluscos e bastante carvão, poucos vestígios líticos e sem estruturas aparentes. Juntamente com a camada acima, alcança quase um metro na porção central, mais alta, do sambaqui. Deste pacote dezenas de ossadas humanas já haviam sido removidas no processo de mineração, sendo a camada com mais sepultamentos do sítio.

Na terceira camada aspectos distintos aparecem, na forma de extensas lentes de carvão e cinzas, formando superfícies convexas mais ou menos extensas que se entrecruzam na porção central do sambaqui; conchas e líticos ocorrem de forma esparsa. Os autores (*op cit:48*) argumentam que não se trata de fogos domésticos ou fundos de habitação, devido à ausência de estruturas e artefatos; trata-se de fogos extensos de matéria vegetal queimada com ausência de materiais lenhosos, de que restaram espessos pacotes de cinzas mais ou menos espessos. Foram encontrados aqui também vários artefatos sofisticados em osso e pedra, tais como agulhas, colares e pequenos machados com perfurações, estes últimos acompanhando um dos poucos sepultamentos encontrados bem na base do pacote.

A camada seguinte pouco difere da anterior, sendo dela separada por uma lente espessa de cinzas e objetos (ossos, pedras) calcinados que se prolonga por toda a extensão do sítio, sugerindo um momento de interrupção em sua construção, seguido por uma retomada no processo construtivo. Melhor preservada que as camadas acima, repleta de conchas e carvão abundante, exibia níveis concrecionados de onde provém a maior parte dos esqueletos exumados neste sítio, freqüentemente acompanhados por grandes pedras. Duarte (1968:57-58) chama a atenção para pedras grandes e chatas, queimadas, acompanhadas de restos de fauna, carvões e cinzas, interpretadas como fogões. Nesta camada, e na anterior, restos de fauna são abundantes, peixes e também mamíferos terrestres.

A partir desta camada as escavações não puderam prosseguir, pois a base do sambaqui, sob o nível das marés cheias, fazia água, deixando entrever um pacote mais ou menos espesso, de pelo menos dois metros de espessura, onde predominam conchas de ostra inteiras, formando como que uma plataforma sobre o sedimento escuro do mangue. De fato, todo este sambaqui se encontrava tomado pela umidade, que deixava ossos e conchas, pedras inclusive, bastante friáveis. Embora não tenham conseguido alcançar a base do sítio e investigar seu substrato geológico, os autores acreditam que o sambaqui não se assentava sobre o mangue, mas provavelmente sobre uma borda de sedimento arenoso sobre o qual o pacote basal de ostras conformaria uma plataforma inicial pra a construção do sambaqui. As descrições preciosas de Joseph Emperaire e Annette Laming possibilitam interessantes reflexões acerca do caráter construtivo deste sítio, que foram exploradas por Paulo Duarte (1968) e serão retomadas mais adiante neste estudo.

Outro sambaqui muito importante para a arqueologia da Baixada Santista é Mar Casado, situado a 300m da antiga estrada Guarujá-Bertioga (km 3,5), a 700 m da praia, à beira do ribeirão Perequê. Uma primeira descrição estratigráfica deste sítio aparece em Biocca, Hoge & Schreiber (n. 1, 1947), revelando sua estrutura em 4 grandes pacotes e dois sepultamentos na camada central, uma seqüência que seria melhor descrita a partir das escavações de 1961 e 1962, coordenadas por Paulo Duarte (1968:65-80)².

Este sambaqui se encontra assentado sobre um terraço arenoso ao sopé de formações cristalinas situadas, hoje, a alguns quilômetros ao fundo da praia de Perequê, na ilha de Santo Amaro; no entanto, à época de sua construção, há quatro mil anos atrás, encontrar-se-ia na borda de uma das ilhas de um arquipélago existente na área (Ab'Saber 1965). Com cerca de 3,5 metros de altura em sua porção central e dimensões em torno de 30x25 m, era composto principalmente de ostras, mas uma variedade de outros moluscos também se encontrava presente, em menores proporções.

A estrutura estratigráfica era caracterizada, grosso modo, por quatro pacotes de sedimentos, todos (com exceção da camada húmica) repletos de conchas em decomposição e materiais misturados, com grande abundância de fauna, materiais líticos principalmente em rochas básicas (“lâminas de machado, grande quantidade de seixos, grandes e pequenos, pedras várias denunciando uso, fragmentos de rocha, grandes e pequenos, atípicos”) e vestígios faunísticos, objetos de osso (vários de bula timpânica de baleia, como os tortuais) e dentes trabalhados, e também restos humanos, freqüentemente desestruturados, estes últimos ausentes na camada húmica e na basal. Chama a atenção a presença de “abundantes ossos de baleia em toda a extensão do depósito, do cimo à base (e) crânios de boto, principalmente na camada inferior”.

Após a camada superficial, húmica, bastante espessa, segue-se “uma primeira camada de conchas que se confundia, com freqüência, com acumulações de restos orgânicos: seguida de uma camada espessa de conchas decompostas de mistura com restos orgânicos e uma boa camada basal de conchas”, tudo isso assentado sobre um terraço arenoso e aplainado.

Segundo Guidon (1964), a camada orgânica inferior tinha cerca de (11x19 metros e cerca de um metro de espessura no flanco N/NW do sitio, com indústria abundante). Duarte destaca a presença dos tortuais, postulando aos grupos sambaqueiros à habilidade de tecer fibras vegetais. Destaca também, nas camadas médias do sambaqui, a presença de “dois fogões... de pedras grandes, ainda perfeitamente armados, com muito carvão e cinza, mas nenhum fundo de cabana ou qualquer vestígio de habitação no sambaqui”. Mais ainda: “O carvão e a cinza abundante não apenas nesses fogões, mas também em fogueiras extensas, com abundantes resíduos alimentares, restos de peixe, crustáceos, tartarugas, mamíferos marinhos (baleia, boto), seláquios (várias espécies) alguns mamíferos terrestres, da anta ao rato, passando pela capivara, paca, cotia, porco-do-mato, veado, gambá”, e grande quantidade de dentes destes animais, trabalhados ou não. Esta camada espessa

² Além de Mar Casado, três outros sítios são descritos por Biocca e colegas: um de menores proporções bastante próximo a este sambaqui (também citado, rapidamente, em Duarte 1968), outro junto ao canal de Bertioga, que parece corresponder a Buracão (ver mais adiante), e outro ainda no sopé das elevações cristalinas da porção central da ilha; este último, com implantação análoga a Mar Casado e que aparentemente tinha proporções consideráveis, parece ter desaparecido completamente antes de ter sido estudado

concentra vários sepultamentos que traziam rico acompanhamento funerário, incluindo coifas e colares de conchas, em especial do pequenino molusco *Olivella verreauxi*. Sobrepõe-se à camada basal de ostras de 40 cm na borda noroeste do sítio, e dos outros lados encontrava-se margeada por um anel de ostras, tudo sobre a areia, com grande quantidade de fauna terrestre diversificada.

Na porção inferior da camada basal foram encontradas ossadas grandes de baleia e crânios de boto repousando sobre o solo arenoso e, cerca de 50 cm abaixo, um sepultamento bastante deteriorado, acompanhado de ocre e uma lâmina de machado pequena. Sondagens realizadas no solo arenoso revelaram uma espessura de cerca de 90 cm, encontrando-se abaixo o assim chamado manguito, sedimento de cor escura, bastante oxidado e concrecionado. Cabe observar que este sambaqui é o único, dentre os estudados na Baixada Santista, que se encontrava voltado para a praia quando foi construído, cerca de 4.000 anos atrás; de fato, Figuti (1992:66) observa também que é o único que exhibe “uma proporção importante de vestígios de bivalves de praia”. Guidon (1964) interpreta o sítio como acampamento, provavelmente com base na seqüência irregular de solo orgânico e conchas; cita, também, “estacas em plano” na camada orgânica superior, formando um semi-círculo, interpretado como evidência de cabana. Mas informa a presença de quatro sepultamentos, um na base do sítio e três na camada de restos orgânicos.

Do sambaqui do Buracão pouco foi publicado. Sua melhor descrição foi feita por Luciana Pallestrini (1964; aparece também como o sambaqui S3 em Biocca et al 1947). Situava-se às margens do canal de Bertioga, sobre o qual formava um barranco, junto a um pequeno córrego, e apenas um terço dele restou após sua destruição pela construção da estrada Bertioga-Guarujá. Com cerca de 200 m² de área, na parte remanescente restou apenas um pacote de 1,20 m de espessura. Sua vocação funerária parece ser indiscutível: são 43 sepultamentos em área escavada de 25m². Paulo Duarte (1968:79-80) descreve um sepultamento peculiar ali encontrado, junto ao qual havia um grande número de objetos refinados em osso e pedra que teriam sido depositados no interior de uma carapaça de tartaruga.

Sua estrutura estratigráfica exhibe uma camada de ostras pequenas, seguindo-se um pacote orgânico escuro (terra preta), fogueiras (cinzas), tudo sobre uma base irregular de ostras grandes depositada sobre a vertente onde afloram grandes matacões graníticos. A autora afirma, explicitamente, que a camada basal de conchas como que nivela a superfície irregular do terreno, criando uma plataforma aplainada. A camada preta rica em indústrias e restos faunísticos extrapola a área do sambaqui para os lados, mas dentro dele se encontra entre as camadas de conchas, que são mais espessas a noroeste, encontrando-se a sul e leste as “áreas de habitação” (solo escuro), ricas em restos alimentares e indústrias – e também sepulturas. A decapagem do sítio em superfícies amplas

desenvolvida pela autora mostrou que as áreas de terra preta da base são menores, e as do topo são mais extensas e, eventualmente, extrapolam o cocheiro, exibindo contigüidade e continuidade com a espessa camada de cinzas que aparece no meio do pacote. Uma observação importante é que as 43 sepulturas se encontravam na área nuclear do sambaqui (op. cit. 300). Pallestrini, ao contrário de Paulo Duarte (1968), considera que este sambaqui conjuga sepultura mais habitação, sendo assim “pré-neolítico”, não crendo que se trate de uma necrópole separada da habitação.

O sambaqui de Piaçaguera é um dos sítios mais bem descritos da Baixada Santista. Após alguns trabalhos preliminares (Pallestrini 1964), foi sistematicamente escavado por Dorath P. Uchoa e Caio Del Rio Garcia, e se encontra descrito principalmente em Uchôa (1973) e Garcia & Uchôa (1980).

De dimensões medianas, este sambaqui (que já não mais existe) estava implantado na base de uma vertente do morro da Tapera, entre os rios Mogi e Quilombo, às margens de um antigo canal, distando, à época das escavações, realizadas nos anos 60, cerca de 100 metros do manguezal. Já não se encontrava intacto nessa ocasião, atravessado por uma estrada e parcialmente afetado por atividades de mineração.

Sua estrutura estratigráfica é descrita na forma de três grandes pacotes, ou camadas (Uchôa 1973:63-64). A camada superior, húmica, com cerca de 25 cm de espessura, é composta por sedimento escuro entremeado de conchas fragmentadas e outros vestígios mais ou menos desarticulados e em pouca quantidade. O pacote central (camada II), mais espesso (cerca de 95 cm), com sedimento *“de cor marrom escuro, muito rico em restos de peixes e caranguejos, ostras de tamanho pequeno, predominando as conchas trituradas de Mytella e restos de fogueiras. Essa grande camada (ou pacote), onde se observou grande número de enterramentos... (é) constituída... de conchas de moluscos e restos de animais, e dispostas em camadas relativamente mal definidas e, por vezes, de maior ou menor espessura, separadas por leitos de carvão, contendo numerosas evidências de ocupação humana”*.

De fato aqui se concentram também, como se confirma mais adiante, a maior parte das indústrias lítica, óssea e conchífera encontradas no sítio, e o perfil que aparece em Garcia & Uchôa (1980:24) mostra, com clareza, uma seqüência de lentes amarelo claro (devido à grande quantidade de restos de peixe) ou com cinzas, dispostas de maneira mais ou menos concordante com a geometria convexa do pacote. Desta camada Garcia & Uchôa (1980:23) dizem que “apresentava finos estratos mal definidos e confusos, porém, perfeitamente perceptível o sub-paralelismo dos mesmos. Nessa camada os enterramentos se concentravam nos níveis médios do depósito”. Por fim, a camada basal (III) do sambaqui (que se assenta sobre o sedimento argiloso, coluvial, do sopé da vertente), com cerca de 40 cm de espessura, é composta por um pacote homogêneo e espesso de valvas de ostras (*Crassostrea* sp.), de grande porte (decimétricas) na parte inferior e de menor tamanho na parte superior do pacote, restos ósseos de peixe e crustáceos, exibindo grandes áreas concrecionadas.

Estruturas (funerárias, fogueiras) estão ausentes e os demais vestígios arqueológicos (faunísticos, indústrias etc.) aparecem de maneira bastante rarefeita.

Ainda que, de um modo geral, a frequência de *Crassostrea* seja predominante em todas as camadas do sítio, a presença do gênero *Mytella*, *Phacoides pectinatus* e *Thais haemastoma* em quantidades nada desprezíveis também foi observada, sobretudo na camada II. Nesta camada restos ósseos de fauna também estão presentes, representados, sobretudo, por grande variedade de peixes e crustáceos, mas a fauna terrestre também comparece e também é bem variada, incluindo mamíferos diversos e aves. A indústria lítica presente no sítio é numerosa, incluindo as características lâminas de machado e grande quantidade de lascas, principalmente em quartzo e rochas básicas (Garcia & Cornides 1971). A indústria óssea é bastante sofisticada, com espátulas e outros implementos muito bem acabados (Uchoa & Garcia 1971), tendo sido descritos também vários artefatos produzidos em conchas de ostras e *Lucina*.

A forma monticular do sítio, característica dos sambaquis, aparece nitidamente na figura 32 em Garcia & Uchôa (1980:67), percebendo-se ali também que os sepultamentos se encontram concentrados na porção central do sítio, sendo outro fato apontado pelos autores a inexistência de covas. Também chamam a atenção para o fato de que a estrutura estratigráfica é bastante homogênea por todo o sambaqui, e que sua ocupação parece contínua, sem sinais de abandono. Esta observação importante é reforçada pela proximidade das datações, provenientes das camadas de topo e base. Ao final das escavações foram exumados 87 indivíduos (bem distribuídos em termos de sexo e idade) em uma área escavada de 119 m², quantidade considerável para um período de ocupação relativamente curto. Os mesmos autores sugerem, em diferentes passagens, a existência de um território mais amplo para o grupo, aludindo a espécies não encontráveis nos arredores do sítio: assumindo que se trata de um grupo de grande mobilidade, indicam que “ocupou anteriormente um ponto próximo às praias, para posteriormente deslocar-se para o interior do mangue” (op. cit.:75).

Na década de 1990 foram escavados na Baixada Santista quatro dos cinco sítios denominados Cosipa, situados nas bordas leste e norte da ilha do Casqueirinho, a cerca de 1700 metros NNE de Piaçaguera. Escavados por Garcia & Uchôa (1986), foram mais bem descritos e estudados por Levy Figuti (1992). Apenas um deles, Cosipa 4, se encontrava intacto, e foi o sítio mais trabalhado; três estavam seriamente danificados e um deles completamente destruído. Cosipa 1 que, apesar de semi-destruído, ainda guardava um volume considerável, foi também bastante escavado, recebendo os demais intervenções de menor monta.

A estratigrafia destes sítios guarda semelhança com Piaçaguera. Em Cosipa 1, apesar de um tanto mexido, é possível perceber que, sob a camada húmica, encontrava-se um pacote espesso, acinzentado, predominantemente composto por restos fragmentados de *Mytella* e outros vestígios orgânicos.

Abaixo deste pacote uma camada de ostras pequenas e outro de ostras grandes embasavam o sítio, assentado sobre sedimentos coluviais ricos em blocos e fragmentos rochosos de gnaiss. Os artefatos e adornos em osso típicos destes sítios apareceram com baixa frequência, produzidos sobre fauna variada, sendo poucos também os artefatos líticos (batedores, quebracoquinhos) sobre seixo. Cosipa 2 se encontrava já bastante destruído, com a estratigrafia bastante alterada; ainda assim, foi possível caracterizar sua morfologia de calota tipicamente sambaquióide, quase junto ao nível das águas do canal. Algumas pontas ósseas feitas em osso de ave, biterminadas, apareceram neste sítio, assim como uns poucos objetos líticos.

Cosipa 4 é o sítio mais bem conservado, tendo sido escavado por meio de trincheiras ortogonais e alguns cortes adicionais. Sua estrutura estratigráfica foi descrita em 6 camadas (Figuti 1992:136). A primeira, húmica e solta, é seguida por um pacote rico em mariscos e material orgânico, bem compacta. A camada acinzentada que segue espessa, rica em cinzas, mariscos e outros materiais orgânicos, exibe nuances lenticulares formadas por fogueiras com grande concentração de carvões. A camada seguinte é semelhante, mais marrom, assim como a seguinte, mais solta, com restos de caranguejos e cinzas. Por fim, na fase da seqüência, aparece um pacote espesso e pouco compacto, formado predominantemente de ostras. Nas camadas centrais apareceram cinco sepultamentos em conexão anatômica, junto aos quais alguns artefatos e boa quantidade de ocre.

Os estudos de Figuti (1992) nestes sambaquis mostraram, pela primeira vez, como a pesca se encontra na base da subsistência dos grupos sambaquieiros, abalando a visão, até então predominante, de que os sambaquieiros viviam, sobretudo, da coleta de moluscos. Aponta, também, a excelente adaptação destes grupos aos ambientes de mangue, associação esta cara a outros pesquisadores mais recentes.

Por fim, examinando os sítios da Baixada e suas datas, Figuti (1992:46) considera que os sítios que datam do Ótimo Climático (6 a 4 mil anos BP aproximadamente) *“sont nombreux et montrent un mode de vie assez spécialisé, ce qui signifie que la transition des cultures chasseurs-cueilleurs continentaux à celles des pêcheurs-cueilleurs a eu lieu au cours d’une période antérieure, plus probablement pendant la période de transition vers l’Optimum”*.

Tem-se ainda o estudo realizado por Manoel González (2005) referente aos sambaquis da Baixada Santista, mas foi realizado com o acervo dos sítios anteriormente escavados. Estudou a presença de remanescentes de tubarões e raias nas coleções de vários dos sambaquis acima, sugerindo que os sambaquieiros dispunham de tecnologias sofisticadas e diversificadas de pesca, inclusive em mar aberto, possivelmente resultado de intensificação na pesca como estratégia de subsistência. Chama a atenção também para a grande familiaridade dos sambaquieiros com os ambientes costeiros e mesmo marítimos, assim como o uso de dentes e outras partes como adorno e acompanhamento funerário, sugerindo para estas espécies importante significado simbólico.

Em função dos estudos realizados para a implantação do terminal portuário da Embraport (ROBRAHN-GONZÁLEZ & DE BLASIS 2010), foram cadastrados 7 sambaquis, tendo-se resgatado, através de escavações sistemáticas, 2 deles (Embraport 1 e Sandi). Todos estão situados no lagamar da baía de Santos, com implantação bastante característica.

Na **Tabela 3** encontram-se arroladas as datações disponíveis para os sambaquis da Baixada Santista. Com exceção das datas obtidas neste estudo para os sambaquis Sandi, Ilha Diana, Ingleses e EMBRAPORT, até agora inéditas, as demais datações foram compiladas na bibliografia. No caso dos sítios Ilha Diana, Ingleses, Embraport e Sandi, as amostras acima foram retiradas invariavelmente das camadas basais dos sítios citados, fornecendo, portanto, datações para o momento do início de sua construção.

Tabela 3. Datações disponíveis para os sambaquis da Baixada Santista. “I” representa o laboratório Teledyne Isotopes e “Gif”, Gif-sur- Yvette. (Fontes: Garcia & Uchôa 1980, Martin, Suguio & Flexor 1984, Figuti 1992).

Sítio	Amostra	Calibragem Max em 2 σ	Calibragem Min. em 2 σ	CRA	Incerteza	Material	Proveniência
Maratua	BAH 382	4810	3880	3925	145		
Maratua	I-9185	4500	3910	3865	95		
Buracao	Gif 1053	1280	930	1240	95		
Buracao	Gif 1054?	1690	1290	1600	95		
Buracao	Gif 1055	2100	1570	1950	100		
Buracao	Gif 1056	2300	1710	2050	100		
Mar Casado	Gif 1194	5310	4540	4400	130		
A229	Bah 328	4820	5570	4520	130		
Piacaguera	I-4480	5460	4870	4890	110	Ostrea	Camada I (nível 11,87m), topo
Piacaguera	I-4481	5540	4940	4930	110	Ostrea	Camada III (nível 10,15m), base
Cosipa 1	Gif 6778	4860	4430	4210	90	Carvão	Setor B, trincheira (Z=7,40m)
Cosipa 2	Gif 6779	1220	930	1180	60	Carvão	Base da trincheira
Cosipa 3	Gif 6780	4420	3730	3790	110	Carvão?	
Cosipa 4	Gif 6781	2760	2360	2590	80	Carvão	Fogueira em 1SE, camada 6
Ilha Diana	Beta-216284	1770	1540	2080	40	Ostrea	T1.20, camada 2, 40-50 cm
Inglese	Beta-216285	1090	900	1440	40	Ostrea	Sondagem 1, 110-120 cm
EMBRAPORT	Beta- 216283	1110	920	1460	40	Ostrea	Sondagem 1, 50-60 cm
Sandi	Beta-216286	1010	790	1370	40	Ostrea	Quadra 118 W/108 N, basal

Se, de um lado, a origem dos grupos construtores de sambaquis permanece misteriosa, outro aspecto também pouco estudado se refere ao fim da era sambaqueira, que aparentemente desapareceu por volta de mil anos atrás, com a chegada de grupos agrícolas vindos do interior ou ao longo do litoral. Estas transformações culturais e demográficas, entretanto, parecem ter ocorrido muito antes no litoral norte do Brasil, onde vestígios cerâmicos em sambaquis litorâneos começam a aparecer regularmente na faixa de 5.500 anos AP aproximadamente, ou mesmo um pouco antes disso (Simões & Correa 1971). Roosevelt et al (1991) apresentam datações para a presença de cerâmica desde cerca de 8.000 anos em um sambaqui fluvial no baixo Amazonas, colocando assim interessantes perspectivas das relações entre as ocupações ribeirinhas e litorâneas da Amazônia e a dispersão da tecnologia cerâmica (e possivelmente da horticultura) pelo Brasil central e meridional.

Investigações recentes vêm trazendo novas perspectivas acerca dos padrões de subsistência e de assentamento dos grupos sambaqueiros. Análises zooarqueológicas (Figuti 1989, 1992 e 1993, Bandeira 1992, Figuti & Klökler 1996, por exemplo) demonstraram que a subsistência das populações sambaqueiras baseou-se, sobretudo, na pesca, mesmo desde as primeiras fases da ocupação do litoral. Além disso, a análise de isótopos na constituição óssea dos sambaqueiros de Santa Catarina evidenciou não apenas a predominância dos pescados na dieta, mas também sua permanência no litoral durante todo o ano, descartando assim argumentos a favor da mobilidade sazonal destes grupos (De Masi 2001). De outro lado, com base sobretudo nas investigações antracológicas, alguns autores têm advogado uma importância cada vez maior para os produtos de origem vegetal, cultivados ou não (Tenório 1991, Wesolowski 2000, Scheel-Ybert 1998, 2000, 2001, Scheel-Ybert et al 2003), apontando que a horticultura, talvez ainda incipiente, parece ter tido um papel significativo na subsistência sambaqueira. Scheel-Ybert (2000, 2001) chama também a atenção para a associação conspícua, talvez fundamental, entre os assentamentos sambaqueiros e a ocorrência de significativas formações de mangue, inclusive em áreas onde hoje em dia tais formações vegetais se encontram extintas (Scheel-Ybert, Bianchini & DeBlasis, no prelo).

Gaspar (1991) apresentou uma primeira abordagem sistêmica de âmbito regional com sítios da Região dos Lagos, Rio de Janeiro, mostrando que os sambaquis só exibem sentido sociológico vistos em conjunto, não se podendo estudar estes sítios de maneira isolada. Kneip et al (1991, 1992), Gaspar (1994) e Gaspar & Barbosa (1995) apresentam novos dados e reflexões acerca da distribuição intra-sítio dos vestígios, áreas de atividade e funcionalidade, enquanto Gaspar & DeBlasis (1992), Afonso & DeBlasis (1994) e DeBlasis & Afonso (2000) focaram os processos formativos presentes nos sambaquis apontando a intencionalidade presente na construção destes sítios.

Como se vê, a Baixada Santista esteve ausente nos estudos mais recentes acerca dos sambaquis brasileiros; a única exceção é o estudo de Figuti (1992, 1993) acerca dos sambaquis da Cosipa.

A análise da bibliografia acerca dos sambaquis brasileiros até os anos 1990 mostra alguns problemas, metodológicos e de enfoque. De caráter, sobretudo arqueográfico, enfatiza a tecnologia, subsistência e antropologia física, guardando um ranço evolucionista bastante forte, influenciada pelas perspectivas tradicionais e normativas de se fazer história cultural que, amplamente disseminadas desde os anos 1960, tiveram influência profunda e marcante na arqueologia brasileira (Barreto 2000). Assim, apesar de alguns avanços importantes, as abordagens desse período tendem a não levar em conta os aspectos sociais embutidos na formação dos sambaquis, nem adotam procedimentos sistemáticos para analisar os processos formativos que tiveram lugar na construção destes sítios. Os estudos de inserção ambiental dos sambaquis têm um viés fortemente ecológico, não raro determinista, baseado na distribuição regional dos recursos identificados no registro arqueológico, com pouca atenção aos aspectos de organização social e territorialidade. São ainda incipientes os estudos sobre demografia, e aqueles que focalizam os padrões de subsistência quase sempre partem do pressuposto que os restos encontrados são indicadores diretos dos padrões de alimentação da população sambaquieira. Esta população, por sua vez, é mencionada na literatura como "grupos de coletores de moluscos", "bandos com grande mobilidade", etc.

A maioria das pesquisas não reconheceu que estas estruturas são intencionalmente construídas, com importantes funções no âmbito dos sistemas de assentamento regionais, subestimando evidências de uma maior estabilidade locacional e uma maior complexidade social e demográfica das sociedades que deixaram esses grandes *mounds* como testemunho de sua existência. Assim, neste estudo se vai tentar uma sistematização dos dados referentes aos sambaquis da Baixada tendo em vista sua contextualização em termos de uma perspectiva sistêmica e integrada, procurando constituir um quadro analítico que, mesmo eivado de lacunas, estabeleça algumas relações e aponte o grande potencial da área para a pesquisa de sambaquis.

► Grupos ceramistas do litoral

Além da ocupação indígena relacionada aos sambaquis, a baixada Santista apresenta vestígios que reportam a uma segunda ocupação pré-colonial da região. Estes vestígios são constituídos por uma indústria cerâmica que ocorre tanto em sítios a céu aberto como na superfície de alguns sambaquis. Foram identificados: em Peruíbe (Pereira Jr. 1965), no sítio Jairê; em Iguape, datado de 1360 a 1559 dC (Krone 1914; Simons 1964); e na baía de Guaratuba (Bigarella 1951).

Características desta cerâmica remetem a o que, na Arqueologia Brasileira, é denominado de *tradição Tupiguarani*. Por outro lado, relatos de cronistas do século XVI confirmam que o litoral era ocupado por diferentes grupos indígenas do tronco lingüístico Tupi-Guarani (Sousa 1927; Staden 1974). Como exemplos destes trabalhos podemos citar a gravura seiscentista do holandês Spilbergen (Reis, 2000: 193), que aponta a existência de indígenas em uma porção central da Ilha de Santo Amaro, ao sul ou sudeste da, então, Villa de Santos; ou a gravura do relato de Hans Staden de 1557 (1974: 72), que mostra um combate entre os Tupiniquin da ilha de Enguaguaçu (atual ilha de São Vicente) contra os Tupinambá do litoral norte.

O conjunto destes dados permite uma associação étnica entre os vestígios arqueológicos presentes na área cerca de 200 anos antes da chegada do colonizador europeu, com os grupos indígenas então contatados. O eixo da colonização européia Baixada Santista-Planalto foi implantado, assim, a partir de uma rede de caminhos fluviais e terrestres desenhada séculos atrás, seguindo um traçado de ocupação Tupi que integrava os dois ambientes e que permitiam uma exploração intensa e ininterrupta de seus recursos naturais (ROBRAHN-GONZÁLEZ 2001). Um dos caminhos mais conhecidos é o Peabiru, que inclusive é objeto de um trabalho recente em cartografia histórica (GONÇALVES 1998). De fato, só posteriormente a transposição da serra se tornou um grande problema para os europeus recém chegados ao país (Monteiro, 1994: 123), principalmente considerando a natureza diversa que os deslocamentos assumiram com o passar da história colonial.

Alguns sítios arqueológicos relativos a este período de contato foram pesquisados no litoral, como o sítio Itaguá, em Ubatuba, e o sítio Mineração, em Iguape (UCHÔA *et alii* 1984; SCATAMACCHIA & UCHOA 1993). Nelas foram encontrados elementos de cultura material européia (artefatos metálicos, contas de vidro) e vestígios cerâmicos indígenas que indicam a associação de características culturais exógenas. Outro importante estudo sobre a interação do elemento indígena com o colonizador europeu se desenvolveu em Peruíbe, com as escavações e musealização das ruínas do Abarebebê (UCHÔA, 1999: 129-147).

1.2 O CONTEXTO HISTÓRICO

Com a chegada do colonizador europeu dá-se início a uma nova conjuntura de ocupação humana da área que hoje é denominada de Baixada Santista. Sua dinâmica foi (e ainda é) bastante intensa, considerando as diversas frentes de ocupação nacional tanto no litoral como no planalto. O texto que segue traz uma síntese deste diferente contexto histórico.

► O início da ocupação colonial na Baixada Santista

Situada inicialmente no litoral, a colonização das terras que mais tarde formariam, *grossa modo*, a Capitania de São Vicente, depois Capitania e Província de São Paulo (século XIX) logo se mostrou menos competitiva em sua feição costeira do que outras regiões da América Portuguesa (HOLANDA, 1960).

Se nos primeiros anos a lavoura canvieira prosperou em terras vicentinas já na segunda metade do século XVI, com o surgimento da produção açucareira nordestina – de melhor qualidade e mais próxima do mercado consumidor europeu –, a economia de São Vicente mostrou-se frágil e circunscrita à dura realidade da configuração natural de seu litoral. O estreitamento da banda costeira – na altura de São Vicente e Santos, a distância entre o mar e o pé da serra não chega aos 15 quilômetros – restringia tanto o povoamento a faixas apertadas e muito próximas ao oceano, como esbarrava na “muralha” natural da Serra do Mar a expansão das áreas empregadas na agricultura ou em atividades paralelas, essenciais ao abastecimento e suporte do processo de colonização e manutenção das áreas produtivas.

Tal condição diferia muito dos litorais baiano ou carioca, por exemplo, que são formadas por largas planícies. A “Baixada” fluminense, o Recôncavo Baiano e a Zona da Mata pernambucana eram largamente mais apropriadas para o tipo de economia que a Coroa portuguesa pretendia, desde o início dos anos de 1530, fomentar em terras americanas através da concessão de sesmarias para a ocupação produtiva.

O segundo ponto: além de estreito, o litoral vicentino apresentava outros empecilhos, como terrenos baixos, pantanosos e repletos de mangues (Morse, 1970). Além de impróprios para a agricultura, essas áreas eram insalubres em demasia, configurando-se num ambiente hostil à implementação da atividade colonizadora (PRADO JR, 1972). Como notou Pasquale Petrone (PETRONE, 1965:29), o baixo “espaço agrícola potencial” do litoral vicentino

Representava para os padrões de exploração dos primeiros tempos da colonização uma verdadeira barreira para a consolidação da empresa colonizadora tal como se configurava no nordeste, ou mesmo antes disso, nas ilhas portuguesas do Atlântico (sistema, simploriamente, definido pelos pilares da mocultura, da mão de obra escrava, do exclusivismo mercantil). Na medida em que a economia colonial se valeu, pelo menos até o século XVIII, de atividades agrícolas de caráter extensivo, predatório e com baixo grau de re- investimento, a itinerância e a busca por novas porções de terra foram constantes entre os colonos. No caso do litoral santista, que além de ser estreito, era composto por brejos, manguezais e vertentes íngremes de morros, a atividade colonizadora esbarrou nas insuficiências naturais do meio. Isso não implica, contudo, que o meio determinou a ação colonizadora na região; ele apenas balizou a ação do colono, mostrando-lhe as possibilidades e potencialidades de outras áreas, como foi o caso do planalto paulista.

Ao contrário do litoral santista, o planalto logo surgiu aos olhos do colonizador como um local favorável para ser povoado. Formado por terras altas e salubres, ambientadas por um clima temperado muito mais agradável para o europeu que o tropical do litoral santista, o planalto ainda apresentava outros atrativos: descampados propícios para a instalação humana; “vias naturais” de ocupação, como o rio Tietê, que propiciavam a expansão para outras regiões planaltinas; e a existência de numerosas tribos indígenas, o que significava novas fontes de mão-de-obra para os colonos portugueses (PRADO JR., 1972, MONTEIRO, 1995).

Com a fundação da cidade de São Paulo (1554) e o alastramento da atividade colonizadora no planalto, Santos passou a desempenhar no contexto da América portuguesa um papel eminentemente portuário, servindo como uma espécie de porta de entrada e saída para os colonos. Embora outras localidades paulistas também tivessem seus portos – como São Sebastião e Iguape –, a proximidade com São Paulo fez do porto santista o principal centro de escoamento da produção advinda daquela localidade e de seu entorno (sobretudo da produção dos assentamentos jesuíticos que envolviam a Vila de São Paulo de Pratinga).

Minimizada durante o século XVII, quando outros portos ganharam projeção na economia paulista, Santos recuperou sua importância a partir de meados do XVIII, com o desenvolvimento da lavoura canavieira no planalto de São Paulo, e especialmente na segunda metade do século XIX, em virtude do vertiginoso crescimento da cafeicultura no Oeste Paulista (ANDRADE, 1989). A fundação, em 1867, da *The São Paulo Railway*, logo conhecida como Santos-Jundiaí marcaria profundamente a cidade de Santos e seu porto. A inserção cada vez maior da economia paulista no mercado internacional demandou alterações significativas na estrutura portuária santista, que aos poucos foi se modernizando junto com a cidade.

Para uma listagem de bens consagrados pelos poderes públicos como exemplares de patrimônio material da Baixada Santista, compreendendo os bens tombados pelas esferas federal, estadual e/ou municipal, vide ***Tabela 4***.

Tabela 4 – Bens tombados ou em processo de tombamento nos municípios da All.

	Município	Bem tombado	Municipal	Estadual	Federal
1	Cubatão	Conjunto de obras de Victor Dubugras no Caminho do Mar		X	
2	Cubatão	Vila Residencial Henry Borden		*	
3	Guarujá	Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande		X	X
4	Guarujá	Forte de São Felipe		X	X
5	Guarujá	Forte de Itapema		X	
6	Guarujá	Forte da Barra Grande		X	
7	Guarujá	Capela de Santa Cruz dos Navegantes		*	
8	Guarujá	Morros do Monduba, do Pinto e do Icanhema		X	
9	Guarujá	Morro do Botelho		X	
10	Guarujá	Serra de Santo Amaro		*	
11	Guarujá	Morro do Sorocotuba		*	
12	Guarujá	Serra do Guararu e Vila da Prainha Branca		X	
13	Guarujá	Praia do Camburi		*	
14	Guarujá	Edifício Sobre as Ondas		*	
15	Guarujá	EEPG Conceiçãozinha		*	
16	Guarujá	Ermida de Santo Antônio de Guaíba		X	
17	Santos	Acervo da Cia City-SMTC		*	
18	Santos	Casa do Trem	X	X	X
19	Santos	Rede de canais de drenagem		*	
20	Santos	Ilha de Urubuqueçaba			
21	Santos	Chalés de Madeira em Santos			
22	Santos	Igreja e Mosteiro de São Bento	X	X	X
23	Santos	Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo	X	X	X
24	Santos	Antiga Casa de Câmara e Cadeia	X	X	X
25	Santos	Ruínas do Engenho dos Erasmos	X	X	X
26	Santos	Ruínas do Antigo Engenho do Rio Quilombo	X	X	
27	Santos	Bolsa Oficial de Café	X	X	
28	Santos	Edifício situado no Largo Marquês de Monte Alegre	X	X	

29	Santos	Teatro e Cinema Guarani	X	X	
30	Santos	Igreja de Santo Antonio do Valongo	X	X	
31	Santos	Casa com Frontaria Azulejada	X	X	X
32	Santos	Teatro Coliseu	X	X	
33	Santos	Estação da Rede Ferroviária de Santos		*	
34	Santos	Conjunto Arquitetônico do Valongo		X	
35	Santos	Conjunto de Obras de Saneamento da Baixada Santista, de Saturnino de Brito		X	
36	Santos	Outeiro de Santa Catarina, incluindo a residência do Dr. João Éboli	X	X	
37	Santos	Vale do Quilombo, não incluída no tombamento da Serra do Mar	X	X	
38	Santos	Museu da Pesca		X	
39	Santos	Casa branca da praia		*	
40	Santos	Escola Estadual Visconde de São Leopoldo, Barnabé e Cesário Bastos	X	*	
41	Santos	Ruínas do núcleo Nossa Senhora das Neves		X	
42	Santos	Obras da Sabesp de autoria do Eng. Sanitarista Saturnino de Brito: R. João Otávio esq. com R. Gal. Câmara (sobre antiga Elevatória de Esgotos n. III), Av. Cons. Nébias esq. com Av. Campos Salles (sobre a antiga Estação Elevatória IV), Estação Elevatória de Esgotos Central e Usina de Prevenção, situados em área localizada à Praça Washington, bairro do José Menino		*	
43	Santos	Praia do José Menino		*	
44	Santos	Conjunto arquitetônico e residência anexa da Estação da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí		*	
45	Santos	Ilhas, Ilhotas e Lajes: Laje Ponta de Itaipú		X	
46	Santos	Serra do Mar e de Paranapiacaba		X	
47	Santos	Escola Estadual de Segundo Grau "Dona Escolástica Rosa"	X		
48	Santos	Capela do Monte Serrat	X		
49	Santos	Igreja da Ordem Primeira do Carmo	X		
50	Santos	Pantheon dos Andradas	X		
51	Santos	Imóvel da Estação Ferroviária	X		
52	Santos	Edifício Remanescente do Parque Balneário	X		

53	Santos	Imóvel onde está implantado o edifício de dois pavimentos (atual Agência da Caixa Econômica Federal)	X		
54	Santos	Monumento a Brás Cubas	X		
55	Santos	Monumento Comemorativo da Independência do Brasil em Glorificação aos Irmãos Andradas	X		
56	Santos	Museu da pesca		X	
57	Santos	Edifício do Antigo Banco do Comércio e Indústria de São Paulo e passeio fronteiroço em tesselas	X		
58	Santos	Cemitério do Paquetá	X		
59	Santos	Mural de autoria do artista plástico Clóvis Graciano	X		
60	Santos	Edifício denominado "Hospedaria dos Imigrantes"	X		
61	Santos	Corpo principal do edifício da antiga Estrada de Ferro Sorocabana	X		
62	Santos**	Forte de São Tiago ou São João da Bertiooga	X	X	X
63	Santos	Retábulo da Capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência			X
64	São Vicente	Praia Itaquitanduva		*	
65	São Vicente	Morro do Parque da Prainha		*	
66	São Vicente	Remanescente da Vila Colonial de São Vicente (particularmente a Igreja Matriz com obras de talha e imagens) e Porto das Naus		X	
67	São Vicente	Palácio Martim Afonso		*	
68	São Vicente	Casa do Barão e cobertura vegetal nela existente		X	
69	São Vicente	Ponte Pênsil		X	
70	São Vicente	Serra do Mar e de Paranapiacaba		X	

* Em estudo para o tombamento.

** Tombamento da época em que Bertiooga ainda não havia se emancipado de Santos.

FONTES CONSULTADAS

CONDEPHAAT. *Patrimônio cultural paulista: Condephaat, bens tombados, 1968-1998*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998. CONDEPHAAT. *Guichês e processos (1968-2001)*. São Paulo: Condephaat, 2001. Arquivo digital.

IPHAN. *Cadastro nacional de bens tombados*. Site www.iphan.gov.br.

MINISTÉRIO DA CULTURA; IPHAN. *Bens móveis e imóveis inscritos nos livros do tomo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. 4.ª

Edição. - PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. CONDEPASA. *Relação dos bens tombados*. Site www.santos.sp.gov.br

► Ocupação histórico da Área Continental de Santos

A área continental do município de Santos possui 231,6 km², dos quais 206 km² fazem parte do Parque Estadual da Serra do Mar. Quase seis vezes maior do que a parte insular da cidade, e contando com aproximadamente 4.000 moradores, a área continental faz limite com os municípios de Cubatão, Guarujá e Bertioga e, no alto da Serra do Mar, com Santo André e Mogi das Cruzes. Até 1999 a área era dividida em três bairros: Ilha Diana, Caruara e Monte Cabrão. Após a aprovação da Lei de Uso e Ocupação do Solo da Região (n.º 359 / 99), a área foi repartida em nove seções, formando bairros regularizados num total de 25 km². Além dos já existentes, a área passou a contar com os bairros Quilombo, Nossa Senhora das Neves, Barnabé, Guarapá, Trindade, Cabuçu-Caeté e Iriri.

Ainda que pouco habitada e, à primeira vista, de povoamento recente, a região atualmente composta pelas Ilhas Barnabé, dos Bagres e Diana, pelos Largos do Caneú e das Neves, pelos canais de Santos, Piaçaguera e Bertioga fazem parte do lento processo de ocupação do litoral santista que, desde o século XVI, teve na fixação de uma zona portuária seu ponto nevrálgico e na manutenção do Caminho do Mar uma constante mobilização humana no sentido de garantir uma ligação entre o planalto e a costa paulistas.

Certamente a transposição da Serra do Mar era a etapa mais crítica e perigosa do caminho que ligava o litoral ao planalto, sobretudo à vila de São Paulo. Recorrentemente esse caminho foi retratado, tanto na literatura como na iconografia, como lugar de padecimento dos europeus: indígenas, animais selvagens, mosquitos em quantidade inacreditável além da própria inclinação do terreno, o que obrigava em certos trechos os viajantes a andarem quase que de gatinhas, agarrando-se a ramos e troncos pelo caminho. Com o desenvolvimento das vilas no planalto e o aumento do fluxo de pessoas a partir do porto de Santos, aqueles viajantes de maiores posses passaram a fazer o caminho em cadeirinhas ou redes transportadas por indígenas e, muito mais raramente, escravos.

Embora a subida da serra fosse o trecho mais difícil da ligação entre planalto e litoral, as vias de comunicação litorâneas constituíam uma parte importante do percurso, tanto pelo fato de ser o ponto de partida para São Paulo como pela sua proximidade do porto de Santos.

É difícil precisar a genealogia dos caminhos antigos referentes ao litoral santista. No entanto, é possível observar que, certamente mais restrita no início da colonização, a malha viária da Baixada Santista dinamizou-se ao longo dos séculos XVII e XVIII. Na ilha de São Vicente, os principais caminhos eram:

- ▶ *Caminho entre São Vicente e a atual ponta da Praia*: este caminho aproveitava as praias que surgem desde Itararé até o Embaré, o que mantinha, de certa forma, o velho caminho existente durante a expedição de Martim Afonso;
- ▶ *Caminho de Santos a São Vicente ou Caminho Velho*: estrada que contornava pelo norte e oeste a zona montanhosa do centro da ilha e que servia ao Engenho de São Jorge dos Erasmos;
- ▶ *Caminho de Santos para São Vicente, caminho da Vila para a Praia ou caminho novo*: partindo de Santos, esse caminho contornava a zona montanhosa central pelo leste e sudeste, atingindo a praia de Itararé e depois São Vicente;
- ▶ *Caminho de Santos para a atual ponta da Praia*: constituído em ziguezague, essa caminho se afastava da costa com o intuito de evitar os brejos e manguezais;
- ▶ *Caminho dos Barreiros*: tendo como ponto de partida São Vicente, esse caminho atingia o largo dos Barreiros seguindo a margem esquerda do estuário de São Vicente;
- ▶ *Caminho para Cubatão*: iniciando-se em São Vicente, o caminho se articulava com Santos via Caminho velho, buscando evitar brejos e manguezais por meio de um trajeto que seguia próximo aos morros, a oeste da Baixada (PETRONE, 1965: 93-94).

Tomados em conjunto, os caminhos do litoral santista se articulavam em torno de um sistema de circulação vicinal, onde o aproveitamento das vias aquáticas se dava em numero muito maior que as terrestres, excetuando-se, obviamente, dentro da ilha de São Vicente. Os principais eixos desse sistema articulavam, destarte, Santos- Cubatão, Santos-Bertioga e São Vicente- Itanhaém.

Localizado ao pé da Serra, Cubatão desempenhava a função de um de pedágio e de armazenagem dos produtos planaltinos. Em 1713, o controle do contrato da passagem de Cubatão ficou sob o domínio dos jesuítas do Colégio de São Paulo, que ali fundaram uma extensa fazenda para o abastecimento dos viajantes. Embora tal contrato não permitisse que os jesuítas angariassem recursos significativos – uma vez que a arrecadação regular não passava de 1% do valor de cada carga (MONTEIRO, 1995: 122-123) –, a presença da Companhia de Jesus na passagem de Cubatão forneceu aos inacianos um importante instrumento de poder na região.

Em 1714, a administração metropolitana ordenou que os direitos de passagem fossem incorporados ao fisco da Coroa, o que de fato só ocorreu em 1743, rendendo cerca de 200\$000 para a Fazenda Real (MENDES, 1994). Após a expulsão dos jesuítas da América portuguesa, em 1759, o porto de Cubatão ainda manteve sua importância estratégica para a economia da região, ficando sob o controle do governo da Capitania. Afinal, antes mesmo da construção do aterrado, era por Cubatão que se embarcava para o porto de Santos todas as mercadorias oriundas do planalto. A partir de 1778, os contratos passaram a serem arrematados por particulares e com a validade de três anos.

Uma das primeiras rotas utilizadas pelos colonizadores portugueses para percorrer a região do Estuário de Santos e adjacências – onde atualmente encontramos as Ilhas Barnabé, Diana e dos Bagres, os Largos do Canéu e Santa Rita, além das vilas Quilombo, Casqueiro e Monte Cabrão – foi o chamado *Caminho do Padre José*. Como a maioria das rotas da época que conectavam o litoral ao planalto, o Caminho do Padre José baseou-se em trilhas indígenas pré-cabralinas, notadamente numa re-interpretação do Caminho do Perequê. Equivocadamente atribuído ao Padre Anchieta, talvez pelo fato do jesuíta tê-lo utilizado com frequência, o Caminho do Padre José ligava São Paulo a São Vicente, tendo sido aberto provavelmente entre 1555 e 1560.

Tendo como ponto de partida o litoral, o caminho era percorrido inicialmente por meio de canoas, que varavam o Largo do Canéu, a fim de atingir, um quilômetro acima da barra, o porto de Santa Cruz ou Armadias. Já na Serra de Paranapiacaba e a oeste do rio Perequê, atingia-se o vale do rio das Pedras e a Garganta do Tutinga. Alcançado o planalto, o viajante utilizava uma rota fluvial composta pelos rios Pequeno, Grande, Jurubatuba e Pinheiros (MENDES, 1994; WENDEL, 1952).

Fundamentais para o acesso ao planalto, os rios também desempenhavam importante papel no deslocamento humano dentro da região do Estuário de Santos, quer pela abrangência quer pelo traçado estratégico de suas águas. O Rio do Quilombo, por exemplo, começa na Serra do Mar – na área fronteira entre Santos e Mogi das Cruzes – e deságua no Largo do Canéu. Seu nome advém de um quilombo de escravos fugidos que existiu nas proximidades do leito do rio no final do século XVIII e início do XIX. Partindo da mesma serra, o Rio Jurubatuba banha a porção noroeste da Ilha Barnabé, desaguando no Largo de Santa Rita, junto ao Canal de Piaçaguera. O Rio Sandi, que envolve a Ilha Barnabé, inicia seu trajeto na área continental e segue em paralelo aos rios Jurubatuba e Diana, desaguando no Estuário. O Rio Diana, por sua vez, o qual envolve a Ilha Diana, deságua no Estuário, junto ao canal de Bertioiga. O Rio Piaçaguera, que emprestou seu nome ao bairro homônimo de Cubatão, nasce na região de

Paranapiacaba, na Serra do Mar e desemboca no Largo do Enguaguaçu, contíguo ao do Caneú. O rio Casqueiro, que atualmente forma o canal de Santos até a área da Cosipa, banhava a Ilha dos Bagres e a Alemôa.

Dada à facilidade de locomoção pela região, a presença colonizadora portuguesa logo se fez presente. O atual Morro das Neves, que é banhado pelo Largo de Santa Rita, na entrada do Rio Jurubatuba, era conhecido no século XVI como Sítio das Neves. No local o colono Pero de Góis instalou, em 1532, o sítio “Madre de Deus”, entregue a seu irmão Luiz de Góis, que por seu turno fundou, em 1546, o Engenho da Madre de Deus, considerado um dos primeiros da baixada santista. A toponímia Nossa Senhora das Neves surgiu por volta de 1702, quando dona Ambrósia de Aguiar – filha de Custódio de Aguiar –, juntamente com suas irmãs Ana e Catarina fundaram a Capela da Santa, deixando sob a responsabilidade do Capitão Francisco e do reverendo Cristóvão de Aguiar Daltro. Mais tarde, já em 1817, em meio ao governo de D. João VI, o sítio das Neves figurou no levantamento geral das terras do município de Santos, aparecendo como patrimônio da Capela e administrado pelo capitão José Francisco de Menezes, que o mantinha com oito escravos.

Instituído como um dos bairros da Área Continental de Santos, o sítio das Neves permaneceu com uma ocupação rarefeita ao longo do século XX. Em outubro de 1982, o jornal santista *A Tribuna* relatou, ainda de que forma um tanto romantizada, a situação do local:

“Em uma ilha de mata exuberante e muitos recantos pitorescos, um homem vive sozinho há 29 anos. A ilha é a das Neves, um morro encravado no Estuário de Santos, que marca a entrada do Rio Jurubatuba. O homem, Leonel Diogo Nunes, o Nelinho, 59 anos de idade, pele curtida e rosto estampando a tranqüilidade de quem vive em contato com a natureza, livre do barulho e da violência do mundo civilizado. Nunca ficou doente e o único remédio que toma é “um aperitivozinho, um café, de vez em quando”. No mais, sobrevive graças ao que existe à volta: os peixes, os frutos. Um dos seus maiores prazeres é levar o visitante para conhecer melhor o seu mundo: a cachoeira de águas claras, as casas que antigos moradores deixaram para trás, as seculares ruínas da Igreja de Nossa Senhora das Neves” (A TRIBUNA, 28/10/1982).

O bairro do Quilombo, que atualmente conta com cerca de 50 famílias residentes junto à encosta da Serra do Mar, também fazia parte da sesmaria doada por Martim Afonso de Souza, em 1532, a Pero de Góis. No local foi construído um engenho de cana-de-açúcar, conhecido como Engenho dos Gayas ou dos Largachas – hoje como engenho do Rio Quilombo –, bem como um cemitério (SANTOS, 1937). Posteriormente, virou local de moradia para ex-escravos. Embora não se conheça o período exato da construção de tal engenho, ainda persistem ruínas

remanescentes do mesmo, as quais foram tombadas pelo CONDEPHAAT, em 1974. É possível que tenha havido outros engenhos nas imediações do rio Quilombo, uma vez que a existência de um cemitério sugere uma aglomeração populacional não tão desprezível.

A Ilha Barnabé, que desde o início da década de 1930 funciona como depósito de produtos químicos e combustíveis, também foi alvo da colonização portuguesa ainda no século XVI. Antes mesmo da chegada de Martim Afonso de Souza, em 1532, a Ilha Barnabé já havia sido retratada no mapa XIV do *Yslario* de Alonso de Santa Cruz, capitão da Armada de Sebastião Caboto, italiano que percorreu o litoral santista entre 1526 e 1530. Na carta o povoado de São Vicente está simbolicamente reproduzido na área que corresponde à atual ilha Barnabé.

Trabalhando como guia da expedição de Martim Afonso de Souza, Henrique Montes, conhecedor da região, ambicionou para si a Ilha, até então conhecida pelos portugueses como Ilha Pequena. Conseguiu do donatário a doação da ilha e de algumas terras vizinhas de Jurubatuba. Mas, como observa Santos (1937: 135), a ocupação da Ilha Barnabé foi interrompida em 1534, com a morte de Henrique Montes, nos conflitos ocorridos em Iguape:

“Em 1534, com a guerra havida entre a gente de Iguape, onde moravam então os portugueses que haviam sido seus senhores e que haviam acompanhado o bacharel em sua retirada ordenada pelo rei, e os colonizadores de São Vicente, aqueles, como desforço natural à atitude traidora de Henrique Montes, invadiram a região vicentina, matando-o, e encerrando assim a primeira parte da história da São Vicente civilizada”.

Em 25 e setembro de 1536, cerca de dois anos após a morte de Henrique Montes, Braz Cubas obteve de Martim Afonso de Souza a doação da Ilha Pequena e das terras de Jurubatuba. Primeiramente encarregou seu pai – João Pires Cubas – de repovoar a Ilha; em 1540 o próprio Braz Cubas aportou na Ilha Pequena. Com a morte de Braz Cubas, a Ilha passou para seu filho Pedro e, posteriormente, aos padres carmelitas. Por essa época o local já era nomeado de Ilha de Braz Cubas ou ilha dos Padres. No século XIX, o santista Francisco Vaz Carvalhaes, que possuía o título de Comendador Barnabé, adquiriu a ilha que acabou levando o nome de sua comanda: Ilha Barnabé. Naquela época o local também era conhecido como Ilha do Carvalhaes.

Em seu testamento, de 1892, Carvalhaes doou parcela de suas possessões à administração santista (a Câmara Municipal de Santos só foi instaurada em 1908). Três anos depois, em 17 de fevereiro de 1911, o município deu permissão ao Clube de Regatas Vasco da Gama utilizar parte da área da ilha para a prática do remo. Mais tarde os terrenos foram permutados com a empresa Guinle & Irmãos, que viria a se tornar a Companhia Docas de Santos, atualmente Codesp.

Ao que parece a Ilha Barnabé permaneceu como um local composto de pequenos sítios e currais até o final da década de 1920, quando o local foi transformado em depósito de produtos químicos e combustíveis. Observando o mapa *South America – East Coast Brazil. Santos Harbour*, produção inglesa de 1913, é possível notar a presença de algumas edificações no sul da ilha.

Em meio à escassez documental no que se refere à Ilha Barnabé, uma fonte de grande importância encontra-se no Museu do Porto de Santos. Trata-se de um manuscrito de 21 de março de 1929, intitulado *Despesas feitas com a aquisição da Ilha Barnabé e respectivas benfeitorias*, que indica os beneficiários resultantes da compra da Ilha Barnabé pela Companhia Docas de Santos. A partir dele é possível recompor, ainda que minimamente, o perfil de ocupação da Ilha Barnabé antes da instalação do terminal de líquidos. De acordo com o referido documento, foram adquiridos pela Companhia Docas de Santos os seguintes itens: porções de terra (160.969 m² de Barnabé Francisco Vaz de Carvalhaes e 73.660 m² de Gabriela Nogueira da Silveira Lobo e outros); casas de madeira cobertas com telha ou zinco (cerca de 50); casas de madeira sobre pilares (cerca de 10); chalés de madeira (um); casas de pau-a-pique cobertas com telha ou zinco (cerca de 15); casas de alvenaria (cerca de 5); casas de alvenaria e madeira (menos de 5); galpões e barracões de zinco (menos de 5); além de um rancho, uma garagem e um pequeno cais. O montante gasto pela Companhia Docas de Santos foi de 2020:065, 400 réis.

A presença na Ilha Barnabé de casas de diferentes tipologias construtivas, galpões, barracões, um rancho e um cais sugere uma ocupação mais ampla e plural do que se costuma considerar para o local no início do século XX. Embora ainda fosse uma ocupação sem adensamento demográfico, se comparada à área continental de Santos, é inegável que antes da instalação do terminal de líquidos a ilha apresentava uma estrutura social, com famílias, propriedades e vínculos com a Ilha de São Vicente. Entre os nomes dos beneficiários com a aquisição da Ilha Barnabé pela Companhia Docas encontram-se, além da Câmara Municipal de Santos, da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e do Clube de Regatas Vasco da Gama, os nomes de dezenas de pessoas físicas.

Ainda em 1929, a Companhia Docas produziu a *Planta da Ilha Barnabé indicando as propriedades e benfeitorias adquiridas*, a qual mostrava a disposição da ocupação na ilha na época de sua aquisição. A partir dela dá para constatar a presença de edificações distribuídas por toda a ilha, especialmente na face voltada para a zona portuária de Santos.

A utilização da Ilha Barnabé para depósito de produtos químicos e combustíveis foi discutida a fundo pela Companhia Docas de Santos. As alternativas eram basicamente duas: prolongar o cais para o interior da Bahia, além da foz do Saboó, permanecendo na margem da cidade; ou abandonar essa margem, passando para a fronteira, desde a ilha de Barnabé até a curva da entrada do canal. Na primeira das possibilidades as vantagens eram as seguintes: evitar a travessia do canal de Santos e do da Bertioga, que teriam, fatalmente, que ser transpostos no caso da segunda alternativa; e estabelecer um menor transporte entre a via férrea e o cais. A segunda opção permitiria aproveitar terrenos de melhor qualidade, não obrigar grande aumento na área do porto e estabelecer áreas para a manobra dos vapores (COMPANHIA DOCAS DE SANTOS, 1927: 62-63)

A Ilha Barnabé passou a ser utilizada como terminal de líquidos e combustíveis em 21.01.30. Com a planta *Ampliação da rede de esgoto de águas pluviais na Ilha Barnabé*, elaborada pela Companhia de Docas de Santos em 1944, nota-se a presença de diversos tanques e reservatórios.

A Ilha Barnabé passou por diversos melhoramentos ao longo do tempo. Em 1956 foi aberto o canal de navegação ligando os rios Sandi e Diana, junto à Ilha, a fim de suprimir um trecho submerso do futuro oleoduto Concençãozinha-Alemôa. (1956: 38). No ano seguinte foi erguido o tanque BE-1, de 22,35m de diâmetro e 12,19 de altura, e construído dois blocos de ancoragem para aumentar a linha de atração (COMPANHIA DOCAS DE SANTOS, 1958: 49-50). Dois anos depois foi concluído um tanque metálico para o armazenamento de benzol (COMPANHIA DOCAS DE SANTOS, 1960: 43). Em foi concluído um vestiário, junto à oficina de carpintaria e uma instalação sanitária na plataforma do tanque BE-1.

Atualmente a Ilha detém o maior volume de produtos químicos do Brasil em uma mesma área, com cerca de 170 milhões de litros. Nela se operam as empresas Vopak Brasterminais, Odjell Terminail Ganel Química Ltda., Potenza Terminais e Argemil (MENGHINI; CUNHA-LIGNON; COELHO JÚNIOR; SCHAEFFER-NOVELLI, 2007). Não obstante sejam poucos os registros históricos referentes à Ilha dos Bagres, é provável que já fosse conhecida pelos portugueses desde o início da ocupação regional. Conhecida então como Ilha dos Bagrinhos, em virtude da sua grande quantidade de bagres— fenômeno que ainda ocorre durante o verão —, a atual Ilha dos Bagres ficava na rota de passagem dos que saíam do porto de Santos na direção do Largo do Canéu, via Rio Casqueiro. Ainda assim, a Ilha não chegou a passar por um processo de ocupação significativo. No mapa *South America – East Coast Brazil. Santos Harbour* há a indicação de apenas um curral na Ilha dos Bagres. Já na carta *Brasil-Costa Sul. Porto de Santos. Levantamento efetuado pela Marinha do Brasil*, de 1959, não consta indicação de ocupação

humana (**Prancha 1**). O mesmo ocorre na carta *Santos, Estado de São Paulo*, produzida pelo Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, em 1972.

A área ocupada pelas Ilhas Barnabé e dos Bagres foi objeto de análise do engenheiro, arquiteto e político Francisco Prestes Maia, nos final dos anos 40. Em seu *Plano Regional de Santos* (MAIA, 1950), estudo direcionado para o desenvolvimento da baixada santista, Prestes Maia elaborou um Plano Ferroviário Regional o qual enumerava as modificações necessárias para a região do Estuário de Santos. A idéia era integrar espacialmente a zona portuária de Santos a fim de dinamizá-la economicamente:

"A bitola larga terá nova linha de aderência, provavelmente pelo Vale do Quilombo. A antiga São Paulo Railway dividir-se-á em dois trechos: o São Paulo-Jundiá entregue à Paulista, e o São Paulo-Santos entregue a um consórcio Paulista-Central. (...) A linha de aderência ligar-se-ia a estas duas estradas, formando um triângulo: Capital-Mogi-Garganta (nota: garganta superior do Quilombo). Descida a serra, irá de um lado a Santos (Saboó) pela Ilha dos Bagres ou pela Barnabé, de outro lado prosseguirá pelo continente, até penetrar na Ilha de Santo Amaro, na altura do Monte Cabrão. Nesta ilha servirá o porto e terá estação terminal comum com a bitola estreita, mais ou menos onde hoje se acham os dois morros do Itapema".

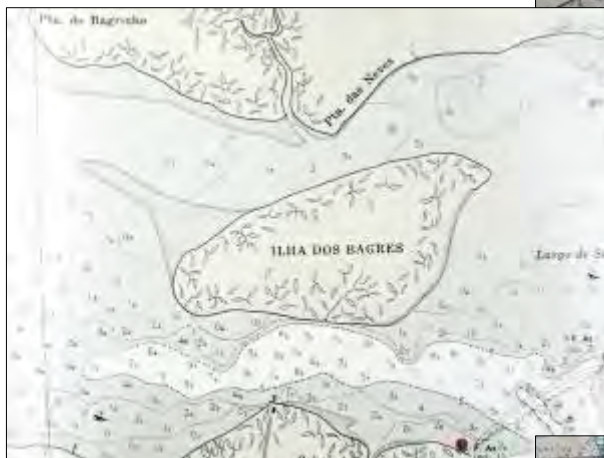
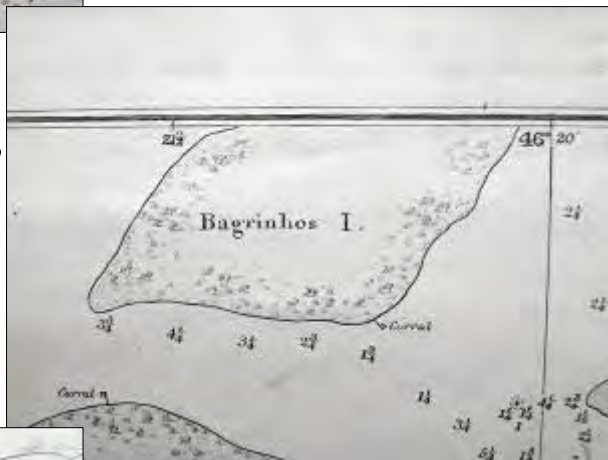
Prestes Maia não chegou a viabilizar o Plano Regional, mas o porto elaborou o Plano Diretor de 1951 prevendo mudanças nos terminais de granel líquidos e acarretando nas instalações portuárias, concluindo a ligação entre o Saboó, Alemôa e Ilha Barnabé. Tal planejamento possibilitou a implementação do pólo industrial de Cubatão (NUNES; GONÇALVES, 2008: 52).

Prancha 1 – Cartografia histórica: plantas Ilha Barnabé e Ilha dos Bagres



Detalhe da Ilha de Barnabé na planta Santos Harbour 1913.

Detalhe da Ilha dos Bagrinhos da planta Santos Harbour 1913.



Detalhe da Ilha dos Bagres da Planta do porto de Santos de 1959.

Detalhe da Ilha dos Bagres da Planta do porto de Santos de 1971



- Os “bairros de pescadores” da Área Continental de Santos: Caruara, Monte Cabrão, Iriri, Cabuçu Caeté, Trindade, Guarapa e Barnabé (Ilha Diana).

As comunidades que compõem a Área Continental de Santos se caracterizam por serem pequenas aglomerações humanas esparsas nas áreas de braços de rio do estuário santista. Se por um lado há bairros consolidados como Barnabé (Ilha Diana), Monte Cabrão e Caruara, há diversas famílias que moram isoladas nos morros, na margem de rios e na beira de estradas. Seus habitantes vivem da pesca, da venda de frutas – sobretudo da banana –, do comércio local, da construção civil e de empregos vinculados à indústria santista e cubatense.

O bairro santista de Caruara situa-se na beira do canal da Bertioga, próximo a este município. Afirma-se que o povoado surgiu por volta da década de 1950, a partir do loteamento da antiga fazenda Caruara, formada por 142 chácaras. O aniversário da localidade é comemorado oficialmente do dia 25 de setembro, de acordo com a Lei Municipal nº 2.078 de 2002.

Em entrevista concedida para o jornal *A Tribuna* no início dos anos oitenta, Gregório, morador de Caruara desde os anos cinquenta, afirmou que quando mudou para aquelas paragens a maior parte das famílias vivia da pesca e do cultivo da banana. Gregório lembrou-se da existência de um alambique e de uma olaria. A partir dos anos sessenta Caruara passou a receber novos fluxos populacionais. Na época em que foi feita a reportagem, Caruara, com seus mais de 700.000 m², contava com cerca de 300 moradias. No início da década de oitenta havia apenas quatro vias oficiais: a Av. Alonso Soares e as ruas Xavantes, Caramuru e Tamoio. Até os anos sessenta, a maior parte das edificações eram chalés, típicos da Baixada Santista na primeira metade do século XX. As primeiras casas de alvenaria de Caruara começaram a ser construídas em meados da década de 1960, sobretudo após a iniciativa do morador Emiry Felício em fazer blocos manuais.

O número atual de moradores do bairro é incerto. Em 2006 a prefeitura de Santos estimava cerca de 3.500 moradores. Ao mesmo tempo em que elogiam o local – especialmente a abundância de mata e águas – os moradores apontam para a necessidade de melhorias referentes à infra-estrutura urbana (transportes, serviços etc.). Rubens Marques dos Santos, morador do bairro há mais de 30 anos, notou as mudanças sofridas por Caruara nos últimos anos:

“O Caruara, antigamente, era apenas um povoado. Depois que construíram a Rio-Santos, o bairro cresceu bastante (...) Existiam, no máximo, umas dez [casas]”
(EXPRESSO POPULAR, 25/09/2008).

A questão do saneamento básico é premente para Caruara. A Sabesp informa pela sua assessoria de imprensa que tem um projeto para sanar com as valas de esgoto a céu aberto. Estão sendo projetadas 550 ligações com 12 mil metros de rede coletora e cinco estações elevatórias. No momento estão sendo elaborados os relatórios ambientais para licenciamento da rede. A Prefeitura, por seu turno, acena com um Plano de Regularização Sustentável, via Secretaria de Planejamento, que será enviado ao Cidade Legal, de concessão de escrituras, do Governo do Estado, além de um levantamento social (A TRIBUNA, 15/02/2010).

Ao lado de Caruara está situado outro bairro da Área Continental de Santos: o Cabuçu-Caeté. Fixado às margens da Rodovia Rio-Santos, o bairro é conhecido entre os santistas por seus atrativos naturais (córregos, cachoeiras, fauna e flora da mata atlântica), os quais são explorados por empresas de turismo que fazem ali trilhas ecológicas.

A denominação Cabuçu-Caeté remete a uma fazenda homônima que existiu na região e que supostamente serviu de abrigo à Companhia de Jesus, que ali montara um posto de catequese para os índios. Nas primeiras décadas do século XX a região foi ocupada por grandes plantações de bananas, cuja produção era transportada por vagonetes até as proximidades do Rio Cabuçu, e dali, por meio de barcos, até o Mercado Municipal de Santos. A diminuição no preço da banana e as pragas que atingiram as plantações fizeram com que a fazenda passasse a servir como lenheiro, sobretudo em meio à dificuldade de obtenção de combustível no país, durante a Segunda Guerra Mundial.

Próximo de Caruara e Cabuçu-Caeté encontra-se o bairro de Iriri, que conta com a área de 1.278.322, 47 m². Embora não haja registros concretos, presume-se que a região tenha sido desbravada no final do século XIX, quando da proliferação das plantações de banana na Área continental de Santos. Ainda assim, a população local permaneceu rarefeita. Em 2000, Iriri possuía menos de 30 habitantes. Os principais pontos histórico-culturais do bairro são: Cachoeira do Iriri, Fazenda Iriri e Sítio Iriri.

Situado às margens do canal de Bertioga, o bairro de Monte Cabrão possui cerca de 600 habitantes que residem em uma área de 631, 5 mil m². A origem do nome remonta ao monte com topo arredondado, ao redor do qual nasceu o povoado. Embora não haja registros comprobatórios, afirma-se que uma das primeiras famílias a morar no Monte Cabrão foi a do imigrante nórdico Jacob Jensen, que fixou residência no local por volta de 1899 e 1900. É muito provável, todavia, que a região já fosse área de passagem desde os primórdios da colonização portuguesa, no século XVI. Em 16 de outubro de 2003, por meio na Lei nº 2.146, instituiu-se o dia 23 de julho como Dia Oficial de Monte Cabrão. Nesta data ocorrem festejos em comemoração à antiga vila de pescadores.

No início dos anos 80, uma equipe do jornal *A Tribuna* visitou Monte Cabrão e assinalou que o local possuía menos de vinte residências, um estaleiro e garagens para barcos:

(...) Ali, cerca de 100 pessoas vivem quase esquecidas do mundo. Poucos santistas sabem da existência de Monte Cabrão, e muito menos que pertence a Santos. Mas o lugar é habitado há muitos anos e, em outros tempos, se distinguia como mais um núcleo de pescadores artesanais do nosso litoral. Hoje em dia, embora já exista a estrada Piaçagüera-Guarujá ligando o lugarejo à chamada civilização, o número de moradores diminuiu: as águas não oferecem mais peixes como antigamente e poucos conseguem sobreviver da pesca. Tanto que restaram apenas cinco pescadores. Os demais chefes de família preferiram trocar a rotina de água, sal e sol por um salário no final do mês (A TRIBUNA, 10/03/1983).

Segundo Nelson Celestino, 53, nascido em Monte Cabrão e que por mais de vinte anos foi pescador, o atual bairro era bem diferente em meados dos anos 60. As casas eram poucas e nelas moravam famílias de pescadores, que utilizavam o canal de Bertioiga para a pesca pelo fato de residirem na sua margem. O pescado era vendido, sobretudo, em Santos e no Guarujá.

O mesmo Seu Nelson afirma que, atualmente, os pescadores de ofício não constituem grande maioria em Monte Cabrão. Muitos deixaram de pescar para ocupar atividades ligadas ao comércio e à indústria. Ainda assim, a quantidade de pessoas que pescam para complementar a alimentação e por diversão ainda é grande. O local tem se tornado, também, ponto de encontro para turistas que vão pescar na região.

Localizado na foz do Rio Diana, próximo ao Monte Cabrão, o bairro Ilha Diana é considerado como exemplo de um “povoado caiçara”. Sua origem remonta aos anos 40, quando famílias que moravam na área hoje ocupada pela Base Aérea de Santos foram removidas para o local onde atualmente está fixado o bairro. Em reportagem feita na região no início dos anos 80, o jornal *A Tribuna* assinalou algumas das características da Ilha Diana:

(...) O núcleo (...) abriga 23 moradias, todas voltadas para o rio. Há uma única de alvenaria, três de madeira e tijolo. As demais são de madeira, mas jeitosas e pintadinhas. Não faltam jardins e vasos ornamentando as fachadas. Em uma das casas, até um velho vaso sanitário foi transformado em floreira.

O arruamento é inteiramente espontâneo e ninguém reclama da falta de asfalto: o pessoal gosta de sentir a terra sob os pés e o cheiro bom que toma conta do ar quando a chuva cai, depois de um dia de muito sol.

Vendas, bazares, mercearias? Não há nada disso na Ilha Diana. Os botecos da dona Dina, da Xirley e da Geny são os únicos estabelecimentos comerciais. Pequenos, estoques reduzidos, só garantem a cachaça boa para espantar o frio. Para abastecer a casa de alimentos, produtos de limpeza e coisas do tipo, o jeito é seguir para Santos ou Vicente de Carvalho.

Nesses barzinhos os homens se reúnem para trocar um dedo de prosa, tocar pandeiro, violão e ver se a voz agüenta umas horas de cantoria. Melhor diversão que essa, só o futebol proporciona.

Quando o glorioso Esporte Clube Diana joga, não falta gente para torcer e vibrar com os lances decisivos do Eugênio e do Eduardo Hipólito, dois dos melhores jogadores. O time é o grande orgulho da ilha e dificilmente decepciona. Dia desses, venceu o visitante Rua Quarta por 1x0 e conquistou um troféu: até hoje os craques comemoram o feito” (A TRIBUNA, 28/10/1982).

O bairro, atualmente, possui cerca de 50 famílias, totalizando menos de 300 habitantes. Parte significativa de seus habitantes, como João Rodrigues Pereira Neves, 51, vive da pesca. De acordo com Seu João, todavia, os mais jovens vêm menos interesse na pesca, o que resulta na busca por outras opções de sobrevivência.

Uma das principais atrações dos moradores da Ilha Diana é a festa do Senhor Bom Jesus de Ilha Diana, que acontece no dia 6 de agosto. Segundo depoimentos orais, a história do padroeiro teve início com os primeiros moradores da ilha, naturais da cidade de Iguape. A imagem do Bom Jesus do Iguape foi confeccionada em Portugal por encomenda de um senhor de engenho pernambucano, o qual teve sua embarcação atacada e destruída por piratas. A imagem foi encontrada na Praia de Una por índios guarani. Conta-se que a imagem ficou muito pesada, só voltando ao peso normal depois que os índios direcionaram sua face para o município de Iguape. O fato chegou ao conhecimento dos pescadores que conduziram a imagem em uma rede até a Barra do Ribeira, depois para a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Neves e por fim para Iguape. Uma réplica da imagem encontra-se na igreja da Ilha Diana.

Além dos já citados, a Área Continental de Santos conta com os bairros de Trindade e Gurarapa, que possuem características similares aos demais. Uma das principais atrações do bairro de Guarapa é a criação na Estância Diana, de búfalos da raça Murrah, que substituiu as plantações de banana na fazenda.

► **Observações complementares sobre a Área Continental de Santos**

Comparada à Área Insular (Ilha de São Vicente), a Área Continental de Santos foi sempre menos habitada e, conseqüentemente, parcamente estudada. A maioria dos estudos referentes à sociedade santista se refere ao núcleo urbano original de Santos e, sobretudo, à evolução do porto. Deste modo, a proeminência da questão portuária ofuscou as demais áreas envoltórias, fazendo com que historiadores e outros estudiosos preterissem a margem esquerda do canal de Santos, que figura na bibliografia como uma área de importância reduzida, caracterizada pelos seus manguezais insalubres e despovoados.

Sabe-se genericamente que, embora de forma rarefeita, essa região foi ocupada desde o século XVI por pequenos fazendeiros, sitiantes e pescadores. Entretanto, não há registros de aglomeração urbana destacada, tampouco de um complexo econômico de algum relevo desde a chegada dos primeiros colonizadores. Excetuando o caso do engenho do rio Quilombo, onde índios sugerem um maior adensamento populacional para os séculos XVIII e XIX, é provável que a Área Insular de Santos nunca tenha sido palco privilegiado de ocupação humana, especialmente após a implementação do terminal de líquidos na Ilha Barnabé, que tornou a vida na região mais restrita e perigosa. Conseqüentemente, o uso do canal de Santos por seus habitantes não deve ter se alterado muito com o tempo. É crível que ele tenha sido utilizado para o deslocamento (eixo Cubatão-Santos-Guarujá-Bertioga) e para a pesca.

► **O povoamento da Ilha de Santo Amaro: Guarujá e Vicente de Carvalho**

O início do processo de ocupação da atual Ilha de Santo Amaro – originalmente denominada pelos nativos indígenas de Guaíbe ou Guaibê – esteve intimamente associado à fixação dos portugueses no litoral vicentino ao longo do século XVI. Doadada a Pero Lopes de Souza, em 1534, pelo rei de Portugal D. João III, para que fosse colonizada, a Ilha de Guaibê não contava com as mesmas condições topográficas da Ilha de São Vicente. O relevo montanhoso e de difícil acesso constituía um empecilho à ocupação humana, que se fez num ritmo bem menos acelerado do que na Ilha de São Vicente. Enquanto esta apresentava diversas rotas de locomoção, a Ilha de Santo Amaro contava com apenas um caminho realmente significativo, o Caminho da Bertioga. Com início na Fortaleza da Barra Grande, esse caminho trilhava a ilha pelo lado do mar, seguindo pelas praias e atravessando morros, em direção às localidades

do litoral norte. A partir de São Vicente, atravessava o estuário até atingir a atual região do Boqueirão da Praia Grande. Deste ponto, o trajeto seguia pela praia, chegando a Conceição de Itanhaém, depois Peruíbe e Iguape (PETRONE, 1965:94).

Ainda assim algumas medidas foram tomadas pelo colonizador português com o fito de assegurar a posse e desenvolvimento da Ilha. Em 1540 José Adorno coordenou a construção da Fortaleza da Barra Grande, a primeira da Ilha. A partir de 1545, com a construção das Capelas de Nossa Senhora da Apresentação e de Santo Amaro, o local passou a se chamar Ilha de Santo Amaro. Com a capela, a Ilha recebeu grupos jesuítas que ali se instalaram para promover a catequese dos grupos indígenas. Na mesma época, fortes e fortalezas foram dispostos no território da Ilha, com o intuito de defenderem o litoral.

O problema da fortificação constituiu um dos elementos mais significativos do movimento inicial de ocupação da Ilha de Santo Amaro. Dado que o afluxo de colonos para a Ilha foi relativamente pequeno até a segunda metade do século XIX, fortes e fortalezas tornaram-se as estruturas capazes de manter a poderio português na região. É provável que a primeira construção desse tipo construída na Ilha tenha sido o Forte da Barra Grande, próximo à Capela de Santo Amaro, após a invasão do pirata inglês Edward Fenton, no final do século XVI, e das sucessivas investidas indígenas. No início do século XVII foi conferido ao forte o uso de presídio político, ocasião em que se erigiu uma capela sob a responsabilidade de José Rodrigues, mestre de campo e governador da Praça de Santos. No local da primeira edificação João Massé construiu outra, em 1723, quando foi governador da província o capitão-general Rodrigo César de Meneses. O forte passou por reformas e permaneceu funcionando até 1911, quando foi desativada em definitivo. Conhecida também como Forte de Santo Amaro, a edificação foi tombada pelo IPHAN em 1964 e 1980 pelo CONDEPHAAT.

Outra importante edificação de defesa foi a Fortaleza de Itapema, erguida na margem oriental do estuário santista – atual Vicente de Carvalho, que ao longo do tempo recebeu várias denominações, tais como Forte do Pinhão, Fortaleza Santa Cruz de Itapema ou Vera Cruz do Itapema. Existem controvérsias sobre a data da construção da fortaleza. De um lado historiadores afirmam que ela foi construída no século XVI; outros acreditam que ela foi levantada no século seguinte. O fato é que a iconografia disponível sobre a fortaleza data de a partir do século XVII. O projeto da edificação que ainda existe foi projetada pelo brigadeiro Silva Paes no século XVIII, sofrendo diversas reformas. Esta é uma planta do forte de 1714:

Após a Independência e a consolidação do Estado nacional brasileiro o edifício perdeu sua função estratégica e, aos poucos, foi sendo desarmado. Em julho de julho de 1883 um incêndio o destruiu quase que por completo. Já no início do século XX, em decorrência da localização privilegiada da fortaleza, esta foi confiada à Alfândega pela Intendência Geral da Guerra, passando a funcionar ali o Posto Fiscal da Alfândega. Para tanto foi construída uma torre destinada a receber os holofotes do Posto Fiscal, que atingiam todo o porto, desde a Base Aérea até a saída pelo canal da Bertioga. Um pouco antes, em 1898, passara a funcionar ao lado da fortaleza o Clube Internacional de Regatas. Na fotografia abaixo, do início do século XX, é possível observar o forte de Itapema e, à sua direita, o Clube Internacional de Regatas.

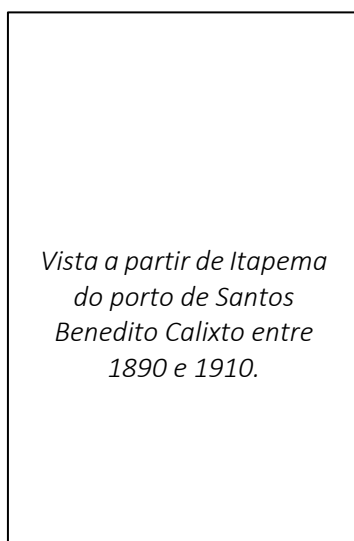
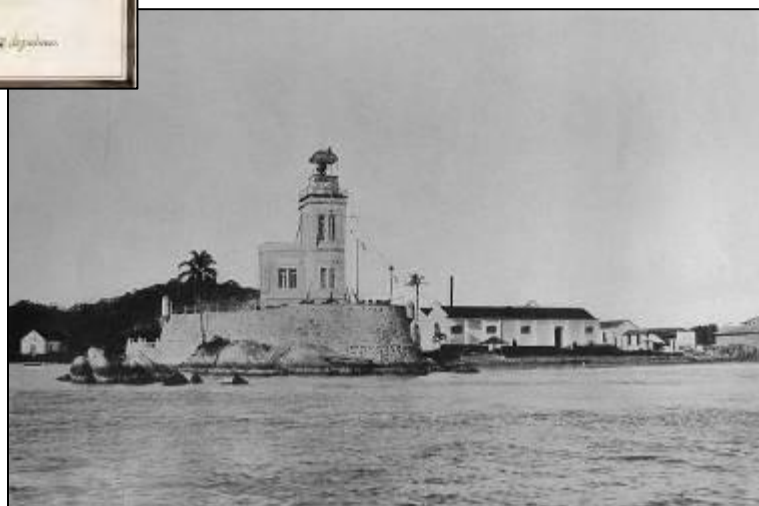
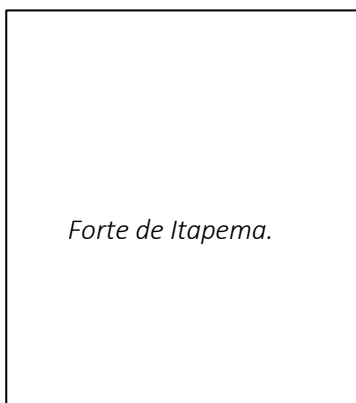
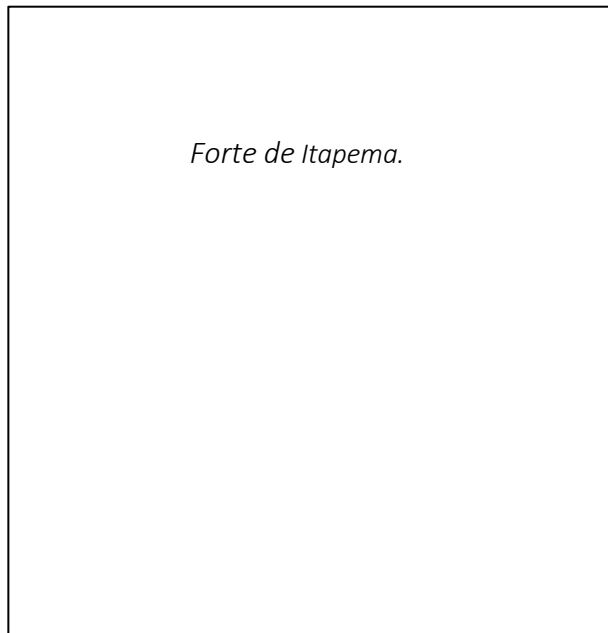
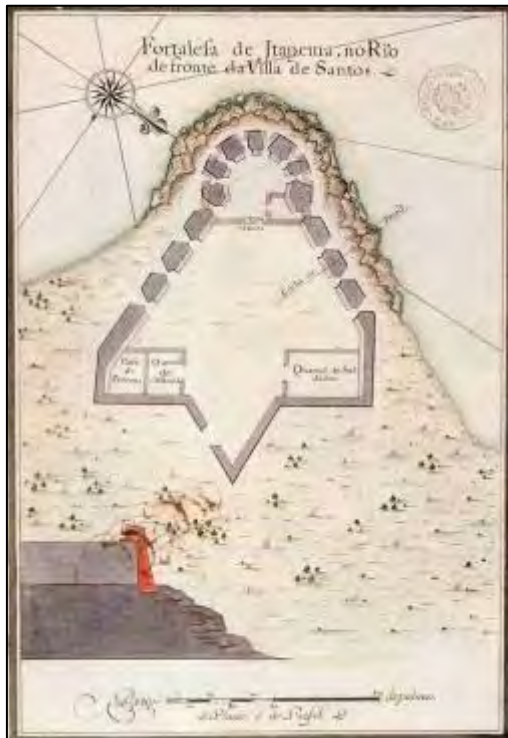
Em 30 de abril de 1982 a fortaleza de Itapema foi tombada pelo CONDEPHAAT.

Entre fins do século XIX e início do XX, Benedito Calixto retratou a Ilha de São Vicente a partir de Itapema. É possível notar traços de ocupação no entorno do forte (*vide Prancha 2*).

Ao norte de Itapema, um outro núcleo de ocupação se desenvolveu no início do século XX: o Bairro da Bocaina, originalmente uma vila de pescadores. Em 1914, o jornal *A Tribuna* noticiou que, em visita ao bairro, o prefeito da cidade de Santos Carlos Luiz de Affonseca observou a simplicidade das famílias que ali residiam e apontou para a necessidade de melhoras na configuração do local (A TRIBUNA, 06/02/1914):

(...) O 77i. Carlos Luiz de Affonseca, prefeito municipal, acompanhado do 77i. Dr. Francisco T. Silveira Telles, diretor das Obras Municipais, visitou ontem o bairro da Bocaina, a fim de verificar quais os melhoramentos que no momento poderão, com vantagem para os moradores, ser levados a efeito pela Prefeitura. Desde logo, o 77i. Prefeito notou a necessidade imprescindível do abastecimento d'água, para o suprimento da qual lutam os habitantes da Bocaina com dificuldades enormes. Os que não vêm buscá-la à cidade, ali compram a 200 réis cada uma lata (das de querosene), avaliando-se por aí qual o preço por que fica o comércio d'água no bairro. O 77i. Prefeito oportunamente submeterá à apreciação da Câmara o que julgar conveniente a respeito, alvitrando os meios que lhe parecerem exequíveis, de resultados práticos e proveitosos. Notou mais s. exa. A necessidade de serem reparados alguns pontilhões e construídos outros (...).

Prancha 2 – Forte de Itapema



Segundo a mesma reportagem, o bairro da Bocaina possuía, naquela ocasião, cerca de 400 casas. A configuração espacial do bairro neste período pode ser constatada por meio de uma planta, de 1920, organizada pela *Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de Santos*:

Por volta da década de 1930, as regiões de Itapema e da Bocaina ainda não apresentavam uma ocupação adensada, se comparada com a margem direita do estuário santista, como sugere a *Planta da cidade de Santos, Praças e Largos em Santos*. Esta indica a presença do forte de Itapema, da estação de barcas (ponto de parada do transporte feito entre a Bacia do Mercado, em Santos, e a Ilha de Santo Amaro), de uma linha de bondes elétricos para o centro de Guarujá e da linha de transmissão da Usina de Itatinga.

Por meio da planta *Brasil-Costa Sul. Porto de Santos. Levantamento efetuado pela Marinha do Brasil*, de 1959, é possível observar que Vicente de Carvalho já apresentava o cais de petroleiros, na região da Conceiçãozinha, bem como uma via que ligava o centro de Guarujá ao bairro de Itapema. Este já contava com diversos quarteirões e com a Base Aérea de Santos, que se encontrava em pleno funcionamento desde 1922.

Ao sul de Itapema encontra-se outro bairro de ocupação tradicional. Situado entre as empresas Cargill, Cutrale e Dow Química, o atual bairro da Conceiçãozinha, pertencente ao Distrito de Vicente de Carvalho, Guarujá, ainda possui suas ruas de terra. A rede de esgoto é precária, embora haja luz elétrica e água potável. A configuração da orla do bairro é de vegetação de manguezais, degradados tanto pelo efeito de substâncias químicas lançadas pelas empresas instaladas no estuário quanto pelo esgoto e lixo doméstico e dos navios oriundos das cheias.

No período Colonial, a região da Conceiçãozinha já era percorrida pelos portugueses pelos menos desde o século XVIII, que ali fundaram uma capela em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Embora não haja registros contundentes, é muito provável que a maior parte das populações que se fixou em Conceiçãozinha o fez em fins do século XIX. O jornal *A Tribuna*, de 14/07/2002, afirma que há indícios de ocupação da área desde 1898. De acordo com Esther Karwinsky, a influência do português e indígena foi marcante na região, que também recebeu paranaenses, os quais se instalaram nas praias do Perequê, Santa Cruz dos Navegantes, Conceiçãozinha, e Praia do Tombo. Aos elementos dessa primeira onda migratória foram se juntar, nas décadas de cinquenta, sessenta, setenta e oitenta, famílias advindas do norte e nordeste brasileiro, especialmente da Bahia, Paraíba, Sergipe e Pernambuco.

Até a década de 1950, boa parte das comunidades caiçaras do Estuário de Santos, a exemplo da Conceiçãozinha, permaneceu seguindo os mesmos parâmetros de outrora. A atividade econômica dos habitantes da Conceiçãozinha foi estruturada, desde o início, na pesca,

na coleta de crustáceos nas áreas de Mangue e no cultivo da banana. Mas com a implantação de meios de transportes mais avançados (rodovias), o desenvolvimento do Porto de Santos e a expansão industrial do Pólo Petroquímico de Cubatão, muitas das famílias de caiçaras, que viviam em um sistema de vida distinto da lógica do capital, viram-se inseridos dentro de processo de crescimento demográfico e consumo que pôs em risco sua própria sobrevivência.

A vida dos moradores da comunidade mudou com a implantação do Terminal de Fertilizantes da Conceiçãozinha, inaugurado em 15.12.1971 (COMPANHIA DOCAS DE SANTOS, s/d: 20-21). Destinado para a movimentação de fertilizantes a granel, o terminal em pouco tempo se tornou o maior do gênero do país, podendo operar com dois navios ao mesmo tempo. Na época, o principal fertilizante desembarcado ali era o fosfato de cálcio, seguido por diversos tipos de cloreto de potássio, sulfato de amônia, superfosfato de cálcio triplo, sulfato de amônia e enxofre. A maior parte desses elementos advinha da costa oeste dos Estados, e desembarcavam em Santos com maior intensidade entre os meses de julho e novembro. Menos de dez anos depois de entrar, o terminal já demandava algumas ampliações:

(...) O Terminal de Fertilizantes de Conceiçãozinha, inaugurado no final de 1971, com apenas dois armazéns, é hoje o maior terminal exclusivo recebedor de adubos a granel do Brasil: provavelmente o maior da América Latina e, conseqüentemente, um dos maiores do mundo. Localizado na margem esquerda do estuário, ele pode operar com dois navios simultaneamente, descarregando quatro produtos diferentes. Atualmente, quase 80 por cento dos adubos e fertilizantes importados pelo porto santista são desembarcados no terminal de Conceiçãozinha. Sua capacidade nominal é de 180 mil toneladas, sendo operadas diariamente, em cada píer de atracação, entre quatro e cinco mil toneladas, registrando-se em novembro do ano passado o recorde de desembarque, de quase oito mil toneladas em um único dia. Existe um projeto, em estudos na Portobrás, para a construção de mais um ponto de atracação, conforme informou o engenheiro da Companhia Docas, José Armando Pereira. Ele disse que isso viria permitir a eliminação de alguns pontos de desembarque (dos novos existentes na margem direita), proporcionando maior descongestionamento do porto e melhor aproveitamento da capacidade do terminal (A TRIBUNA, 25/09/1977).

Hoje, conhecido como TEFER, o terminal, com capacidade de armazenar 35 mil toneladas de granel diretamente dos navios, por meio de esteiras transportadoras que funcionam 24 horas por dia, hoje descarrega 700 mil toneladas/ano. No período de 1993 a 1996 e 1996 a 1998 esse número chegou a atingir 1 milhão de toneladas/ano.

Nas últimas décadas, o artesanato tem se tornado uma importante fonte de renda para a população da Conceiçãozinha. Moradores aliam a renda ganha com a pesca e cultivo com a venda de cestos para transporte de camarão – geralmente retangulares, com cerca de dois palmos de largura por três de comprimento e um palmo e meio de profundidade –, balaios (com mais ou menos três palmos de profundidade também para transporte de camarão e outros peixes); chapéus, peneiras (para feijão, café, milho), cestos redondos e rasos (para frutas) e abajures. Vendem também armadilhas para a pesca como o Covo (tipo de cesto por onde peixe entra e na saída não consegue sair, pois tem uma pequena porta que abre somente pra entrar) e o Jequi, (tipo de labirinto onde os peixes entram e se prendem e não conseguem sair).

Contíguo ao TEFER localiza-se o TECON, o Terminal de Contêineres de Santos, cuja origem está na expansão acelerada do uso do contêiner como modalidade de transporte. Projetado pela Portobrás, o local começou a ser construído em 1976. O projeto original sofreu constantes mudanças em decorrência das peculiaridades do terreno, de modo que a obra foi inaugurada apenas em 30 de agosto de 1981.

Ao ser entregue à navegação comercial, o Tecon contava com uma área de 3.500 m² e cais de 510 m de extensão, preparado para receber embarcações com até 13,50 m de calado. A infra-estrutura do complexo contava com dois armazéns para esvaziamento de sofres com 6.300 m², um armazém para enchimento e esvaziamento com 9.000 m², ambos servidos por linha férrea e um pátio para depósito de contêineres de 30.000 m². O conjunto era completado por dois edifícios para escritórios de 6.324 m²; prédios para a guarda portuária; corpo de bombeiros; pronto-socorro; oficina de reparos e ponte de inspeção para controle de entrada e saída de contêineres do pátio, além de dois reservatórios de água com capacidade para 5,8 milhões de litros. Para os contêineres frigoríferos, havia 210 tomadas de 400 volts.

A implantação dos terminais de fertilizantes e de contêineres alterou radicalmente a fisionomia da faixa de terras hoje abarcada pelo Distrito de Vicente de Carvalho. Se antes a ocupação da região se restringia às bordas da margem esquerda do canal de Santos, a partir dos anos setenta ela se alastrou para o interior da Ilha de Santo Amaro, recebendo populações de diversas áreas do Brasil. Além disso, já na década de 1950, com o desabamento de algumas áreas de morros em Santos, muitas famílias refugiaram-se no bairro de Paecará, ocasionando a expansão populacional do Distrito. Com a divisão de loteamentos ao longo da Via Santos

Dumont, principal rota em direção a Guarujá, houve então o desenvolvimento populacional de Vicente de Carvalho.

Por meio de planta produzida para servir o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Prefeitura Municipal de Santos, de 1978, é possível diagnosticar, além dois terminais, a explosão urbana de Vicente de Carvalho, que já havia se tornado Distrito de Guarujá em 1953.

A Avenida Tiago Ferreira é o centro comercial do Distrito, e conta com mais de quatrocentos estabelecimentos. Seu trecho final desemboca na estação das barcas e catraias por onde circulam, diariamente, cerca de vinte mil pessoas entre as duas margens do estuário. A cada ano, no dia 6 de abril, a comunidade do Distrito comemora o seu aniversário com diversas atividades culturais, que inclui a colocação de flores no busto do poeta Vicente de Carvalho e outras realizações na Praça 14 Bis. Com mais de 130 mil habitantes, o Distrito detém mais de 50% da população do Guarujá.

Apesar do crescimento desordenado dos últimos anos, Vicente de Carvalho mantém alguns aspectos da sua antiga feição. Nas proximidades da orla da margem esquerda do estuário é possível encontrar exemplares de antigas edificações de madeira, as chamadas “palafitas”. Muitas estão descaracterizadas, mas ainda assim remontam à períodos em que a região era majoritariamente composta por famílias de pescadores:

Outro elemento que remonta aos padrões de ocupação da região da primeira metade do século XX são as colônias de pescadores situadas na beira do canal de Santos. Como exemplo, a Colônia Z-3 ou Floriano Peixoto, situada à Rua Itapema, ao lado do terminal de barcas de Vicente de Carvalho, serve de para os pescadores guardarem suas embarcações e equipamentos de pesca (*Prancha 3*).

Prancha 3 – Bocaina, Vicente de Carvalho e Base Aérea

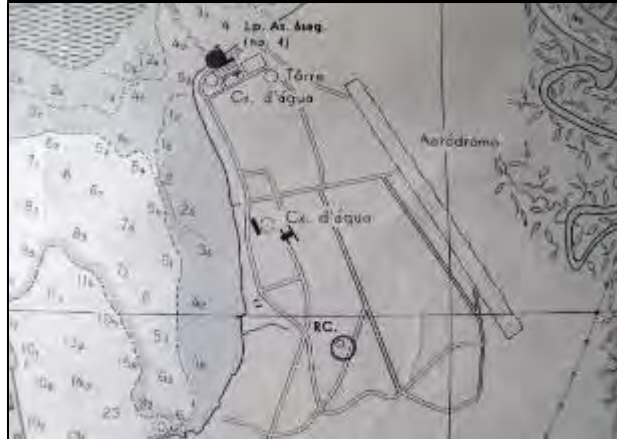


Bocaina.

Bocaina.



Vicente de Carvalho 1930.



Vicente de Carvalho 1959.



Base Aérea, final década de 1930.

► Ocupação de outras áreas da Ilha de Santo Amaro

Mais afastado do canal de Santos, junto à Ponta da Armação da Ilha de Santo Amaro (em frente à Bertioga), foi erguido por ordem de Tomé de Souza, em 1552, o Forte de São Felipe ou de São Luiz – ou ainda da Pedra, como é conhecido popularmente. Próximo ao forte de São João da Barra de Bertioga, o de São Felipe abrigou, no século XVI, o artilheiro alemão Hans Staden. Reformado em 1765 e rearmado em 1798, serviu durante muito tempo como armação de baleias.

Em 1765, ano em que a cidade de São Paulo foi reerguida à condição de sede da Capitania, a Ilha de Santo Amaro contava com cerca de 536 moradores. Com o objetivo de dinamizar a região havia sido criada, anos antes, a Armação das Baleias (1766-1830), no canal de Bertioga, mas o quadro de rarefação populacional não se alterou. Ao longo do século XVIII houve uma intensa disputa entre os herdeiros de Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza pela posse das terras da Ilha de Santo Amaro, querela que só arrefeceram 1773, quando o marquês de Pombal anexou às capitanias hereditárias aos bens do governo português.

O processo de ocupação da face voltada para o Atlântico da Ilha de Santo Amaro ganhou impulso somente a partir de 1892 com a criação da Companhia Prado Chaves, que ali fincou a Companhia Balneária da Ilha de Santo Amaro, estruturada para fundar a Vila Balneária de Guarujá. Na época foram implementados um hotel, uma igreja, um cassino e 46 residências desmontáveis, tudo feito com material importado dos Estados Unidos. Uma ferrovia passou a ligar o estuário santista à nova Vila. Duas barcas viabilizavam o transporte de passageiros da estação da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, na região do Valongo, em Santos, ao atracadouro do Balneário, em Itapema (hoje Vicente de Carvalho). A Vila Balneária teve sua inauguração oficializada em 2 de setembro de 1893 pelo Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão. A partir daí a região se transformou num dos destinos mais procurados para os banhistas paulistas.

Por Lei Estadual nº 1871, de 26 de outubro de 1922, a Vila Balneária foi elevada a Distrito de Guarujá, com subordinação ao Município de Santos. A elevação de Guarujá ao estatuto de Município de Santos ocorreu pouco mais de uma década depois, em 19 de junho de 1934, por Decreto-lei nº 6501. Por muitos anos o Município de Guarujá permaneceu formado apenas pelo Distrito Sede, até que em dezembro de 1953, por força da lei nº 2456, criou-se o Distrito de Vicente de Carvalho (antiga Itapema).

► **Observações complementares sobre a Ilha de Santo Amaro**

Apesar da importância que o Município de Guarujá detém no cenário turístico do litoral paulista, não há estudos sistemáticos sobre o processo inicial de ocupação da Ilha de Santo Amaro. O estabelecimento da Vila Balneária, em fins do século XIX, acentuou o desenvolvimento da área voltada para o oceano, o que pode ser notado pelo seguinte dado: apenas na década de 1950 que Vicente de Carvalho foi elevado à condição de Distrito de Guarujá. Além do mais, a localização privilegiada da Ilha de São Vicente com relação ao planalto paulista parece ter inibido a ocupação efetiva da Ilha de Santo Amaro, cuja situação geográfica era menos favorável para tal ligação. Assim, pouco se conhece sobre a história de Vicente de Carvalho e outras áreas do município que dão para o Estuário de Santos.

É provável que o padrão de ocupação tenha sido similar ao que ocorreu na Ilhas de Barnabé e dos Bagres, bem como nos Largos do Canéu e de Santa Rita. Mas também é possível, por outro lado, que as fortificações da Barra Grande e de Itapema tenham proporcionado outra morfologia de ocupação nessa faixa da margem esquerda do estuário santista, quem sabe mais direcionada para práticas militares e defesa do território. Isso configuraria, conseqüentemente, outra dimensão de outro uso do canal o que exigiria um plano de pesquisa muito mais extenso do que o que cabe no escopo dos atuais trabalhos. Para uma visualização dos centros de ocupação histórica da margem esquerda, vide *Figura 2*.



Figura 2 – Seqüência temporal esquemática da ocupação na margem esquerda.

2. BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, A.N. Tipos de habitat do homem sambaqui. *Revista de Pré-História*, São Paulo, v6, p.120 – 122, 1984.
- ABREU, J. C. de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/Livraria Briguiet, 1930. 1º. Ed. 1899.
- _____. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*, São Paulo: Publifolha, 2000. 1º. Ed. 1907.
- AFONSO, M. C.; DE BLASIS, P. A. Aspectos da formação de um grande sambaqui alguns indicadores em Espinheiros II, Joinville. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*: 4: 21-30, 1994.
- AMENOMORI, S, N. *Paisagens das Ilhas, as Ilhas da Paisagem*. Dissertação de Doutorado apresentada no Museu de Arqueologia e Etnologia MAE/USP, São Paulo 2005.
- ANDRADE, W. T. F. O discurso do progresso: a evolução urbana de Santos, 1870-1930. São Paulo: FFLCH-USP, 1989. (Tese de doutorado).
- ANDREATTA, M. D. Caieira do Brasil Colônia: remanescentes da ilha do Casqueirinho. *Reunião Científica da SAB 4*, Resumos, Santos, 1986
- ANJOS, F. M. F. dos. *Engenho São Jorge dos Erasmos. Uma análise interdisciplinar do documento na arqueologia histórica*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – MAE, USP, 1998.
- ARAÚJO FILHO, J. R. de. O sítio e a vocação portuária de Santos. INSTITUTO de Geografia – USP. *Geografia Urbana*. São Paulo, 5, 1969.
- ARQUIVO Municipal de Santos. *Inventário Fundo Milícias*. Santos: s.c.e., 1997.
- BARBOSA, M; GASPAR, M.D.; BARBOSA, D.R. A organização espacial das estruturas habitacionais e distribuição dos artefatos no sítio Ilha da Boa Vista I, Cabo Frio, RJ. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 4:31-38, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 1994.
- BARKER, P. – *Techniques of Archeological excavation*. Batsford, London, 1993. BARROS BARRETO, C. N.G. *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, São Paulo: os sítios concheiros do médio curso*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1988.
- BARTORELLI, A.; ISOTTA, C. Estudo do material lítico do sambaqui do Buracão. Suplemento de Ciência e Cultura 17(2):139. São Paulo, SBPC, 1965.
- BAVA DE CAMARGO, P. F. *Arqueologia das fortificações oitocentistas da planície costeira Cananéia/Iguape, SP*. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – MAE, USP, 2002.
- BELLOTTO, H. L. *Autoridade e Conflito no Brasil Colonial: O Governo do Morgado de Mateus em São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- BELLUZZO, A. M. de M. *O Brasil dos viajantes. A construção da paisagem*. Salvador: Metalivros/Fundação Odebrecht, 1994.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

- BIGARELLA, J.J. Contribuições ao estudo dos sambaquis no estado do Paraná II – regiões adjacentes à Baía de Paranaguá e Antonina. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 5/6 :231-92, 1951.
- BIOCCA, E.; HOGE, A.; SCHREIBER, G. Contribuição ao estudo de alguns sambaquis da ilha de Santo Amaro (Estado de São Paulo). *Revista do Museu Paulista* (NS) 1:153-171(+ 29 pranchas), 1947.
- BLAJ, Ilana. *A trama das tensões: o progresso de mercantilização da São Paulo colonial, 1681-1721*, São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2002.
- BLOT, J.-Y. *Underwater archaeology. Exploring the world beneath the sea*. Londres: Thames and Hudson, 1996.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOXER, Ch. *O Império marítimo português, 1415-1825*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CAMARGO, H. L. A “colônia” alemã de Santos e a construção do “perigo alemão”: da formação ao “expurgo” (1822-1943). São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História Social) – Dep. de História, USP, 1996.
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*, São Paulo: Palas Athena, 2002.
- CALIPPO, F.R. Os sambaquis submersos de Cananéia: um estudo de caso de arqueologia subaquática. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, 2004.
- CALIXTO, B. Algumas notas e informações sobre a situação dos sambaquis de Itanhaen e Santos. *Revista do Museu Paulista* 6:490-518, 1902.
- CANABRAVA, A. P. *O comércio português no rio da Prata (1580-1640)*. Belo Horizonte/ S. Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1984.
- CAPRI, R. *São Paulo e seu maravilhoso progresso, 1924*. São Paulo: s. c. e., 1926. 2ª. Edição.
- CARTA da Província de São Paulo. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1887. Várias escalas.
- CARTA náutica n.º. 1701. Brasil - Costa Sul. *Porto de Santos*. Levantamentos efetuados pela Marinha do Brasil até 1959. Escala natural: 1:23000 na lat. 24°00'. Atualizada em 28/02/1970.
- CARTA náutica n.º. 1701. Brasil - Costa Sul. *Porto de Santos*. Levantamentos efetuados pela Marinha do Brasil até 1975. Escala natural: 1:23000 na lat. 24°00'. Atualizada em 31/08/1987.
- CARVALHO, E. T. *Estudo arqueológico do sítio Corondó, missão 1978*. Rio de Janeiro, Instituto Arqueológico Brasileiro, série Monografias no. 2, 1984.
- CASTEEL, R. & GRAYSON, D. 1977. “Terminological problems in quantitative faunal analysis.” In: *World Archaeology*. Vol. 9, Nº 2.
- CASTEEL, R. “Core and Column Sampling.” In: *American Antiquity*. Vol. 35, Nº 4, 1970.
- _____. *Fish Remains in Archaeology at Paleo -Eviromental Studies*. Academic Press, London, 1975.
- _____. “Faunal Assemblages and the Wiegemethode or Weight Method.” In: *Journal of Field Archaeology*. Vol. 5, 1978.

- CASTRO FARIA, L. A formulação do problema dos sambaquis. In: Baldus, H. (org.) *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas II*:669-577. São Paulo, Anhembi, 1955.
- CETESB. *Carta do meio ambiente e sua dinâmica*. São Paulo, 1985.
- CERTEAU, M. *A Cultura no Plural*, Trad.: Enid Abreu Dobranszky, Campinas: Papirus, 1995.
- _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer, vol 1*, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- _____. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar, vol 2*, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- _____. *A escrita da história*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. CHAIX, L. & Meniél, P. *Éléments D'Archéozoologie*. Paris. Ed. Errance, 1996.
- CLAASSEN, C. 1991. "Normative Thinking and Shell-Bearing Sites". In: *Archaeological Method and Theory*, Tucson: University of Arizona Press. vol 3, 249-298
- _____. *Shells*. Cambridge Manuals in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press, 1998.
- CLARK, A. - *Seeing beneath the soil: prospecting methods in Archaeology*. Batsford, London, 1990.
- CODESP. *Porto de Santos*. Santos: s. c. e., 1986. Folheto.
- COELHO, Ruy Galvão, *Os caraíbas negros das Honduras*, São Paulo: Perspectiva/CESA, 2002.
- _____, *Os caraíbas negros de Honduras*, São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CONDEPHAAT. *Patrimônio cultural paulista. CONDEPHAAT, bens tombados (1968-1998)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.
- _____. *Guichês e processos (1968-2001)*. São Paulo: Condephaat, 2001. Arquivo digital.
- COSTA E SILVA SOBRINHO. *Santos Noutros Tempos*. Santos: s.c.e., 1953. DAVIES, S. 1987. *The Archaeology od Animals*. , New Havean, Yale University Perss.
- DeBLASIS, P.; FISH, S. K.; GASPAR, M. D.; FISH, P. Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from the southern shores of Brasil. *Revista de Arqueologia Americana* **15**:75-105, Mexico, Instituto Panamericano de Geografia e Historia, 1998.
- DeBLASIS, P.; PIEDADE, S. C. M. As pesquisas do Instituto de Pré-História e seu acervo: balanço preliminar e bibliografia comentada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* **1**:165-187. São Paulo, MAE-USP, 1991.
- DEPARTAMENTO Estadual de Imprensa e Propaganda. *As cidades históricas de São Paulo: Santos*. São Paulo: Gráfica da Revista dos Tribunais, 1943.
- DIEGUES, A. C. S. *Ilhas e sociedades insulares*. São Paulo: NUPAUB/USP, 1997.
- _____. *A pesca artesanal no litoral brasileiro: cenários e estratégias para a sua sobrevivência*. São Paulo: I USP/Ford/iucn, 1988.
- _____. *A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira*. São Paulo: NUPAUB/USP, 2004.
- _____. Comunidades litorâneas e os manguezais no Brasil. In: *II Simpósio de Ecossistemas da costa sul e sudeste brasileira: estrutura, função e manejo*, vol.

- CNCT/SCTDE /FAPEP/IBAMA, Águas de Lindóia/SP, Brasil, Academia de Ciências, 1990: 123-146.
- DUARTE, P. *O sambaqui visto através de alguns sambaquis*. São Paulo, Instituto de Pré- História da Universidade de São Paulo, 1968.
- _____. *Estudos de Pré-História Geral e Brasileira*. São Paulo, IPH-USP, 1969. ELIADE, Mircea, *O mito do eterno retorno*, Lisboa: 1985.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo, *A economia paulista no século XVIII, o ciclo do luar, o ciclo do açúcar*, São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1979.
- _____, *Resumo da história de São Paulo*, São Paulo: Tipografia Brasil Rotschild Loureiro & Cia. Ltda, 1942.
- EMPERAIRE, J. Informations préliminaires sur les sambaquis du littoral de São Paulo. In: Baldus, H. (org.) *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas II:603- 612*. São Paulo, Anhembi, 1955.
- EMPERAIRE, J.; LAMING, A. Les sambaquis de la côte méridionale du Brésil (campagnes de fouilles 1954-1956). *Journal de la Société des Américanistes* 45:5-163. Paris, Musée de l'Homme, 1956.
- FERREIRA, Maria Thereza Corrêa da Rocha, *Aldeamentos indígenas paulistas no final do período colonial*, dissertação de mestrado, SILVA, Maria Beatriz Marques Nizza da (orient), São Paulo: FFLCH/USP, 1991.
- FIGUTI, L. Economia/Alimentação na Pré-História do Litoral de São Paulo. TENÓRIO, Maria Cristina (org.). *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. P. 197-204.
- FIGUTI, L. Os sambaquis Cosipa (4200 a 1200 anos AP): Estudo da subsistência dos povos pescadores coletores pré-históricos da baixada Santista. *Revista de Arqueologia*. São Paulo, 8 (2): 267-283, 1994-95.
- _____. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 3:67-80, MAE, Universidade de São Paulo, 1993.
- FIGUTI, L.; KLOKLER, D.M. Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 169-187, 1996.
- FLANDRIN, J.-L. e MONTANARI, M (orgs.), *História da alimentação*, São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- FOULCAULT, M. *A microfísica do poder*, 16ª. Ed, Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- _____. *A arqueologia do saber*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. *Influência econômica do porto de Santos*. São Paulo: Agir, 1980.
- GARCIA, C. D. R. Levantamento ictiológico em jazidas pré-históricas. In Duarte, Paulo (ed.) *Estudos de Pré-História Geral e Brasileira*, p. 475-486. São Paulo, IPH-USP, 1969.
- _____. Meios de subsistência de populações pré-históricas no litoral do Estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado, IB-USP, 1970.
- _____. Estudo comparado das fontes de alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista. Tese de Doutorado, IB-USP, 1972.
- _____. Nova datação do sambaqui Maratú e considerações sobre as flutuações eustáticas propostas por Fairbridge. *Revista de Pré-História* 1:15-30. São Paulo, IPH-USP, 1979.

- _____. Ocorrência de propulsores em São Paulo. *Revista de Pré-História* 6:324-333. São Paulo, Instituto de Pré-História, USP, 1984a.
- _____. Sítios arqueológicos costeiros e flutuações do nível marinho. *Revista de Pré-História* 6:124-126. São Paulo, Instituto de Pré-História, USP, 1984b.
- GARCIA, C. D. R.; CORNIDES, A. T. Material lítico do sambaqui de Piaçaguera (estudo preliminar). In: *O Homem antigo na América*, p. 41-52. São Paulo, IPH-USP, 1971.
- GARCIA, C. D. R.; UCHÔA, D. P. Piaçaguera: um sambaqui do litoral do Estado de São Paulo. *Revista de Pré-História* 2:11-81. São Paulo, IPH-USP, 1980.
- GASPAR, M. D. *et alii*. Uma breve história do projeto de pesquisa “Padrão de assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina. *Revista do CEPA* 23(29): 108-17, 1999.
- GASPAR, M. D. Considerations of the sambaquis of the Brazilian Coast. *Antiquity* 72 (1998): 592-615.
- GASPAR, M. D.; FISH, S.; FISH, P.; DeBLASIS, P. Sambaqui (shellmound) societies of coastal Brazil. In Silverman, Helaine & William H. Isbell (eds.) *Handbook of South American Archaeology*, p. 319-335. Springer, 2008.
- GIFFORD-GONZALEZ, D. “Bones are Not Enough: Analogues, Knowledge, and Interpretive Strategies in Zooarchaeology”. In: *Journal of Archaeological Science*, vol 19, 215-254, 1991.
- GITAHY, M. L. C. *Ventos do Mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo/ Santos: Unesp/ Pref. Mun. De Santos, 1992.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*, São Paulo: LTC, 1989.
- GODOY, J. F. de. *A Província de São Paulo. Trabalho estatístico, histórico e noticioso*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- GONÇALVES, A.; NUNES, L. A. P. *O Grande Porto: a modernização no porto de Santos*. Santos: Realejo Edições, 2008.
- GONÇALVES, D. I. *O Peabiru: uma trilha indígena cruzando São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, 1998. Cadernos de Pesquisa do LAP.
- GONZALEZ, M. Tubarões e Raias na pré-história de São Paulo. Dissertação de Doutorado apresentada no Museu de Arqueologia e Etnologia MAE/USP, São Paulo 2005.
- GRAYSON, D. 1973. “On the Methodology of Faunal analysis.” In: *American Antiquity*. Vol. 39, Nº 4.
- _____. 1978. “Minimum Numbers and Sample Size in Vertebrate Faunal Analysis.” In: *American Antiquity*. vol. 43, nº 1, 53-67.
- GUIDÓN, N. Nota prévia sobre o sambaqui Mar Casado. In: *Homenaje a Fernando Márquez-Miranda*, p. 176-204. Madrid, Universidades de Madrid y Sevilla, 1964.
- GUIDÓN, N.; PALLESTRINI, L. Estudo da indústria do sambaqui do Mar Casado. *Anhemi* 47:49-60, São Paulo, 1962.
- HAMAN, M. “[Earthen architecture against impoverishment](#)”, in: *World Heritage Review*, 48, jan, Paris: UNESCO, 2008. Pp. 42-48.
- HEMMING, J. Red-Gold: *The conquest of the Brazilian Indians*. The Camelot Press Ltd., Londres, 1978
- HOLANDA, S. B. de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira, Volume 1, Tomo 1*, São Paulo: Difel, 1960.

- _____. "Movimentos da população em São Paulo no século XVII", *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, número 1, São Paulo: IEB/USP, 1966. pp. 55- 111.
- _____. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 2ª. Edição.
- _____. *Monções*, 3ª.ed, São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Caminhos e fronteiras*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Visão do paraíso*, São Paulo: PubliFolha, 2000.
- _____. "São Paulo", in: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org), *História Geral da Civilização Brasileira, Dispersão e unidade*, Tomo II, Volume IV, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HONORATO, C. *O polvo e o porto – a Cia. Docas de Santos (1888-1914)*. Santos/ São Paulo: Prefeitura Municipal de Santos/ Hucitec, 1996.
- HUNT, L. (org.), *A nova história cultural*, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ISOTTA, C. A. L. O material lítico de sambaquis do litoral paulista. In: *Pré-História Brasileira*, p. 143-156, IPH-USP, 1968.
- IPHAN. *Cadastro nacional de bens tombados*. Site www.iphan.gov.br . Dados obtidos em 26/10/2002.
- KLEIN & CRUZ-URIBE.1984. *The Analysis of Animal Bones from Archaeological Sites*. The University of Chicago Press. Chicago and London.
- KRONE, R. Informações etnográficas do vale do rio Ribeira de Iguape. *Exploração do rio Ribeira de Iguape*, Comissão do Instituto Geográfico e Geológico vol. VIII n. 3, São Paulo, 1914
- LAMING, A.; EMPERAIRE, J. Bilan de trois campagnes de fouilles archéologiques au Brésil méridional. *Journal de la Societé des Américanistes* 47:199-212. Paris, Musée de l'Homme, 1958.
- _____. *Problèmes de Préhistoire brésilienne*. Annales (Economies, Sociétés, civilisations) (30ª. Année) nº. 5:1229-1260, Paris, 1975.
- LANNA, A. L. D. *Uma cidade na transição. Santos: 1870-1914*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em História) – Dep. de História, USP, 1994.
- _____. Santos 1870-1914: transformações urbanas e sociais. SAMPAIO, Maria R. A. de (coord). *Habitação e cidade*. São Paulo: FAU-USP, 1999.
- LANNA, Ana L. D. Uma cidade na transição – Santos: 1870 – 1913. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- LAURINDO, F. *Enraizamento Cultural Caiçara*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos. (Trabalho de Conclusão de Curso).
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges, Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- _____. *História e memória*, Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- _____. *Por amor às cidades*, São Paulo: Unesp, 1998.
- _____. (org), *A História Nova*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LE GOFF, J. e NORA, P. (orgs), *História: novos objetos*, 2ª.ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.
- _____. *História: novas abordagens*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

- _____. *História: novos problemas*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.
- LEITE, S.S. – *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*, Vol. I-X, Livraria Portugália, Lisboa, 1938.
- LEMOS, C. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*, São Paulo: Edusp, 1999.
- _____. “Notas sobre a cultura material e o cotidiano em São Paulo dos tempos coloniais”, in: PORTA, Paula (org), *História da cidade de São Paulo, a cidade colonial 1554-1822*, São Paulo: Paz e Terra, 2004. pp. 179 - 189.
- LEONARDOS, O. *Concheiros naturais e sambaquis*. Papéis Avulsos, Departamento Nacional de Produção Mineral/Serviço de Fomento da Produção Mineral 37, 1938.
- LEVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido*, São Paulo: Cosac e Naify, 2004.
- LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral cento-sul do Brasil. In: W. A. Neves (ed.). *Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II; Revista USP* n. 44: 270-329, São Paulo, 1999/2000
- LIMA, T. A.; NEVES, W. & PROUS, A. Projeto Babitonga: uma proposta de releitura dos sambaquis do litoral meridional brasileiro. *Revista do CEPA* 23(29): 124-30, 1999.
- LOEFGREN, A. Os sambaquis de São Paulo (contribuições para a archeologia paulista). *Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo* 9. São Paulo, Typ. a Vapor Vanorden & Comp, 1893.
- LOURENÇO, M. C. F. *et alli. Bens imóveis tombados ou em processo de tombamento da USP*. São Paulo: Edusp, 1999.
- LYMA, R. *Vertebrate Taphonomy*. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- _____. “Applied Zooarchaeology: the relevance of faunal analysis to wildlife management.” In: *World Archaeology*. vol. 28 (1), 110-125, 1996.
- LUEDERWALDT, H. Os manguezais de Santos. *Revista do Museu Paulista*, 1919, 11, pp.309-408.
- MADRE DE DEUS, G. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EdUSP, 1975.
- MAIA, F. P. *O plano regional de Santos*. Santos: Tipografia Brasil, 1950.
- MAPA - *Imagens da Formação Territorial Brasileira*. Rio de Janeiro: Fund. E. Odebrecht, 1993.
- MARCÍLIO, M.L. *A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850, com base nos registros paroquiais e nos recenseamentos antigos*, São Paulo: Pioneira/Edusp, 1974.
- _____. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista: 1700-1836*, São Paulo: Hucitec/EDUSP, 2000.
- MARQUES, M. E. de Azevedo. *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1980.
- MARTIN, I.; SUGUIO, K. & FLEXOR, J.M. Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praia quaternária: exemplos da costa do Brasil. *Revista de Pré-História* 6:128-47, 1984.
- MARTINS, A. *História dos ossos*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- MAXIMINO, E. P. B. *Porto de Santos e o portinho dos Piratas em retrospectiva: um estudo de arqueologia industrial*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em Arqueologia) – MAE, USP, 1997.

- MAWAKDIYE, A. Liderança Ameaçada: falta de competitividade compromete futuro do porto de Santos. *Problemas Brasileiros*. São Paulo, 353, ano 15, 2002. P. 4-11.
- MELLO, E. C. de. Uma Nova Lusitânia. MOTA, Carlos G. (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias*. S. Paulo: Senac, 2000. P. 71-101.
- MENDES, D. *Calcada do Lorena: o caminho de tropeiros para o comercio do açúcar paulista*. São Paulo: FFLCH-USP. (Dissertação de mestrado).
- MENESES, U. T. B. *História prisioneira da memória?*, São Paulo: mimeo, 1986.
- MENESES, U. T. B. de. *O objeto material como documento*, aula ministrada no curso “Patrimônio cultural: políticas e perspectivas”, organizado pelo IAB/CONDEPHAAT em 1980, mimeo.
- _____. “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana”, in *Revista USP: Dossiê Brasil dos Viajantes*, São Paulo, N. 30, junho/agosto 1996, pp. 144-155.
- MENGHINI, R P. *Dinâmica da recomposição natural em bosques de mangue impactados: Ilha Barnabé (Baixada Santista), SP, Brasil*. São Paulo: Instituto Oceanográfico, 2008. (Tese de doutorado).
- MENGHINI, R. P.; CUNHA-LIGNON, M.; COELHO JÚNIOR, C.; SCHAEFFER-NOVELLI, Y. Análise temporal dos impactos antrópicos e da regeneração natural em manguezais da ilha Barnabé (Baixada Santista, SP, Brasil) obtida através de fotografias aéreas. *Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis, Brasil, 21-26 abril 2007, INPE, p. 4037-4044*.
- MINISTÉRIO DA CULTURA; IPHAN. *Bens móveis e imóveis inscritos nos livros do tomo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. 4ª Edição.
- MITHEN, S. *A pré-história da mente: em busca das origens da arte, da religião e da ciência*, São Paulo: Unesp, 2002.
- MONTALVÃO, A. *Mapa geral do Estado de São Paulo em 1902*. Várias escalas.
- MONTEIRO, J. M. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.
- MONTEIRO, John Manuel, *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MORAES, A. C. R. *Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil. Elementos para uma geografia do litoral brasileiro*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1999.
- MORSE, R. M. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970.
- MOURÃO, F, A. A. *Pescadores do litoral sul do estado de São Paulo: um estudo de sociologia diferencial*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/CEC, 2003.
- MUMFORD, L. *La cite à travers l’histoire*, Paris: Seuil, 1964.
- MUNIZ JR., J. Abandono no Engenho dos Erasmos. *Jornal Cidade de Santos*. 4 de julho de 1982.
- MÜLLER, D. P. *Ensaio d’ um Quadro Estatístico da Província de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- NAGANIMI, M. Engenharia e técnicas de construções ferroviárias e portuárias no Império. VARGAS, Milton (org.). *História da técnica e da tecnologia no Brasil*. São Paulo: Unesp/ Ceeteps, 1994. P. 131-161.
- NOVAIS, F. A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*, 6ª. Ed, São Paulo: Hucitec, 1995.

- OLIVEIRA, J. J. M. d'. *Quadro Histórico da Província de São Paulo*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1978. Coleção Paulística, vol. 4.
- ONG, W. *Cultura escrita e oralidade*, Campinas: Papyrus, 1998.
- PALLESTRINI, L. A jazida do Buracão – km 17 da estrada Guarujá-Bertioga. *Homenaje a Fernando Márquez-Miranda*, p. 293-322. Universidades de Madrid y Sevilla, 1964a.
- _____. Jazida litorânea em Piaçaguera, Cubatão, Estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista* 15:357-79, São Paulo, 1964b.
- PEREIRA JR, J. Cerâmica arqueológica indígena de Peruíbe. *Apontamentos arqueológicos* n. 8, São Paulo, 1965
- PESEZ, J-M. “A história da cultura material”, in LE GOFF, Jacques (org), *A história nova*, Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003. pp. 180-215.
- PETRONE, M. T. S. *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765- 1851)*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- PETRONE, P. O povoamento antigo e a circulação. *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Edusp, 1965. Volume II, p. 11-138.
- PETRONE, P. “Povoamento e caminhos nos séculos XVI e XVII”. In: *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Edusp, 1965, pp.11-73.
- PINACOTECA do Estado de São Paulo. *Benedito Calixto: memória paulista*. São Paulo: Projeto eds. Associados/ Banespa/ Pinacoteca, 1990.
- _____. *Aldeamentos Paulistas*. São Paulo: Edusp, 1995.
- PINTO, A. A. *História da viação pública de São Paulo*. São Paulo: governo do Estado, 1977. 2ª Edição.
- PIRES, F. M. *Mithistória*, São Paulo: Humanitas, 1999.
- PLENS, C. R. *Terra, madeira e fogo: arqueologia da São Paulo oitocentista*. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – MAE, USP, 2002.
- POSSE, Z.C.S. *A população pré-histórica do litoral paranaense, vista através dos sambaquis*. Dissertação de Mestrado, UFP, Curitiba, 1978
- PRADO JR, C. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1966. p. 139-153: Formação dos Limites Meridionais do Brasil.
- _____. *Evolução Política do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. CONDEPASA. *Relação dos bens tombados*. Site www.santos.sp.gov.br. Dados obtidos em 30/07/09.
- PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Edunb, 1992.
- RAMBELLI, G. *A arqueologia subaquática e sua aplicação à arqueologia brasileira: o exemplo do Baixo Vale do Ribeira de Iguape*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – MAE, USP, 1998.
- _____. *Arqueologia até debaixo d'água: uma introdução à arqueologia subaquática*. São Paulo: Maranta, 2002 (no prelo).
- RAMBELLI, G.; TOMAZELLO, M.; CAMARGO, P. B. de. A Canoa Monóxila Indígena de Bragança Paulista: Uma Análise Arqueológica Interdisciplinar. *Revista FESB*, Bragança Paulista, vol. 01, nº. 01, p. 30-43, 2000.
- RENFREW, C. & BAHN, P. – *Archaeology – Theories, methods and practice*. Thames and Hudson, New York, 1996

- REIS, N. G. *Imagens do Brasil colonial*. S. Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado/ FAPESP, 2000.
- _____. *Memória do transporte rodoviário: desenvolvimento das atividades rodoviárias de São Paulo*. São Paulo: CPA, s/d
- REITZ, E & WING, E. 1999. *Zooarchaeology. Cambridge Manuals in Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2o. Ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. A expansão Tupi, em busca da terra sem mal. *Brasil 50 mil anos. Uma viagem ao passado pré-colonial*. EDUSP, São Paulo, 2001.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *Programa de Prospecção e Resgate do Sistema de Abastecimento de Água CODESP*, DOCUMENTO Ltda, 2003
- ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo séc. XVII-XIX*, Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. *O Povo de Paris, ensaio sobre a cultura popular no século XVIII*, São Paulo: Edusp, 2004.
- SAHLINS, Marshall, *História e cultura, apologias à Tucídides*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. *Ilhas de história*, São Paulo: Zahar, 1987.
- _____. *Cultura na prática*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.
- SANTOS, F. M. dos. *História de Santos*. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1937. 2 volumes.
- SCATAMACCHIA, M. C. M. & UCHÔA, D. P. O contato euro-indígena visto através de sítios arqueológicos do Estado de São Paulo. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, vol. 7, p. 153-173, 1993.
- SCATAMACCHIA, M. C. M. & RAMBELLI, G. Arqueologia regional e o gerenciamento do patrimônio arqueológico. *Revista de Arqueologia Americana*, n.º. 20, p. 111-130, janeiro – dezembro, 2001.
- SCHMITZ, P. I. Caçadores e coletores antigos no sudeste, centro-oeste e nordeste do Brasil. *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. Inst. Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, São Leopoldo, 1984 a
- _____. *Caçadores e coletores do sul do Brasil. Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. Inst. Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, São Leopoldo, 1984 b.
- SEVERINO-RODRIGUES, E.; PITA, J. B.; GRAÇA-LOPES, R. da. Pesca Artesanal de siris (Crustácea, Decapoda, Portunidae) na Região Estuarina de Santos e São Vicente (SP), Brasil. *Boletim do Instituto da Pesca*, São Paulo, 27(1): 7-19, 2001.
- SILVA, G. & COCCO, G. *Cidades e portos: os espaços da globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- SIMONS, B. B. Pottery from the State of São Paulo, Brasil: a study of decorated sherds and vessels. *XXXVI Congresso Internacional de Americanistas* tomo 1 : 459-471, Sevilla, 1964.
- SLEMIAN, A.; MARTINS, A. C.; PIMENTA, J. P. G. et al. *Cronologia de história do Brasil colonial (1500-1831)*. São Paulo: DH-FFLCH-USP, 1995.
- SOUSA, A. *Os Andradas*. São Paulo: Typographia Piratininga, 1922. Vol. I.
- SOUZA, A. C. M. e. *Os parceiros do Rio Bonito*, 10º. Ed, São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003. 1º. Ed. 1964.
- STADEN, H. *Dois Viagens ao Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EdUSP, 1974.

- SUGUIO, K. Relationship between shell-middens and Neolithic paleoshorelines with examples from Brazil and Japan. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 3:55-65, 1993.
- TAUNAY, Afonso D'Escragnole. *Non ducor, duco: notícias de São Paulo 1565-1820*, São Paulo: Typ. Ideal – H. L. Canton, 1924.
- _____. *Historia da cidade de São Paulo sob o império: 1842- 1854*, São Paulo: Graf Municipal de São Paulo, 1977.
- _____. *São Paulo nos primeiros anos 1554-1601 e São Paulo no século XVI*, São Paulo: Paz e Terra, 2004. 1ª. Edições 1920 e 1921 subsequentemente.
- _____. *Quatro séculos paulistanos*, São Paulo: Gráfica Municipal, 1954.
- _____, *História Geral das Bandeiras Paulistas*, 11 vol., São Paulo: Typ. Ideal, H. L. Canton, 1924-1950.
- THOMPSON, E. P., *Costumes em comum, Estudos sobre a cultura popular tradicional*, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- UCHÔA, D. P. Nota prévia sobre os sepultamentos do sambaqui de Piaçaguera. In: *Estudos de Pré-História Geral e Brasileira*, p. 487-92. São Paulo, IPH-USP, 1970.
- _____. Arqueologia de Piaçaguera e Tenório. Análise de dois tipos de sítios pré- cerâmicos do litoral paulista. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 1973.
- _____. Sinopse do “Arcaico” do litoral de São Paulo. In Schmitz, Pedro I., Altair S. Barbosa & Maira B. Ribeiro (eds) *Temas de Arqueologia Brasileira 3: Arcaico do Litoral. Anuário de Divulgação Científica* 7:15-32. Goiânia, Instituto Goiano de Pré- História e Antropologia, Univ. Católica de Goiás, 1980.
- _____. Ocupação do litoral sul-sudeste brasileiro por grupos coletor-pescadores holocênicos. *Arquivos do Museu de História Natural* 6-7:133-143. Belo Horizonte, UFMG, 1982.
- _____. As ruínas do Abarebebe e o museu da Paisagem. *Leopoldianum*. Santos, v.25, n. 70, 1999. P. 129-147. Revista da Unisantos.
- _____. Ilha do Mar Virado litoral norte de São Paulo. Relatório do CNPQ – Triênio 2002-2005.
- _____. Sítio Arqueológico Mar Virado – Ubatuba SP. Arqueologia, Patrimônio e Turismo. Congresso da Sociedade Brasileira de Arqueologia, Campo Grande 2005.
- UCHÔA, D. P. & GARCIA, C. D. R. Ilha do Casqueirinho, Estado de São Paulo, Brasil: dados arqueológicos preliminares. *Arqueologia*. Curitiba, 5, 43-54, 1986.
- _____. Dentes de animais na cultura do sambaqui de Piaçaguera. In: *O Homem Antigo na América*, p. 29-39. São Paulo, IPH-USP, 1971.
- _____. & MELLO e ALVIM, M. C.; GOMES, J. C. de O. Demografia esquelética dos “Construtores do Sambaqui” de Piaçaguera, São Paulo, Brasil. *Dédalo*, São Paulo, publicação avulsa, p. 455-470, 1989.
- UCHOA, D. P.; SCATAMACCHIA, M.C.M. & GARCIA, C. D. R. O sítio cerâmico de Itaguá. Um sítio de contato no litoral do Estado de São Paulo. *Revista de Arqueologia* v. 2, n. 2, Belém, 1984
- WASELKOV, G. A. 1987. “Shellfish gathering and shell-midden archaeology.” IN: *Advances in Archaeological Method and Theory*. Academic Press, New York, 1:93- 209.

- WENDEL, Guilherme. "Caminhos Antigos na Serra de Santos". In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*, Rio de Janeiro, v. II, 1952.
- ZANETTINI, P. E. *Calçada do Lorena: o caminho para o mar*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – MAE, USP, 1998.
- _____. *Calçada do Lorena: o caminho para o mar*, dissertação de mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1998.
- _____. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na Casa Bandeirista*, tese de doutorado, São Paulo: MAE/USP, 2006.
- ZEMELLA, M. P. *O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990.

ICONOGRAFIA

- Alfândega de Santos. Santos e arredores – postos fiscais. Inspetor Argemiro Nascimento e Guadamar José Moraes Parente*, 1961. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.
- Ampliação da rede de esgoto de águas pluviais na Ilha Barnabé*. Companhia de Docas de Santos, 29 de agosto de 1944. Acervo Companhia de Docas de Santos.
- Brasil-Costa Sul. Porto de Santos. Levantamento efetuado pela Marinha do Brasil em 1959*. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.
- Estudo para arruamento da Ilha Barnabé, Santos*. Companhia de Docas de Santos, 15 de agosto de 1977. Acervo Companhia de Docas de Santos.
- Planta da Ilha Barnabé indicando as propriedades e benfeitorias adquiridas*. Companhia de Docas de Santos, 8 de março de 1929. Acervo Companhia de Docas de Santos.
- Planta Geral da Ilha Barnabé*. Companhia de Docas de Santos, 19 de outubro de 1965. Acervo Companhia de Docas de Santos.
- Planta Geral do Caes, mostrando as faixas em tráfego, construída e em construção no fim do ano de 1897, com o prolongamento projectado abrangendo os locais dos armazéns de inflamáveis e corrosivos e dos estaleiro e dique para reparação dos navios em geral*. Acervo Companhia de Docas de Santos.
- Santos, Estado de São Paulo*. Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, 1972. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.
- South America – East Coast Brazil. Santos Harbour*, 1913. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.
- Yslario*, mapa XIV, por Alonso de Santa Cruz. In: *A Escolinha*, suplemento do *Diário Oficial de Santos*, edição de 9 de janeiro de 1971, Santos/SP.